



Escola de Sociologia e Políticas Públicas

Presença e perceções dos profissionais negros nos programas de
informação e entretenimento na televisão portuguesa

Helena Patrícia Vicente

Dissertação submetida como requisito para a obtenção do grau de Mestre em
Comunicação, Cultura e Tecnologias de Informação

Orientadora:

Doutora Joana Fonseca França Azevedo, Professora Auxiliar

ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa

Orientadora:

Doutora Cristina Maria Pinto Roldão, Professora Adjunta Convidada

Escola Superior de Educação, Instituto Politécnico de Setúbal

Outubro, 2019



Escola de Sociologia e Políticas Públicas

Presença e perceções dos profissionais negros nos programas de
informação e entretenimento na televisão portuguesa

Helena Patrícia Vicente

Dissertação submetida como requisito para a obtenção do grau de Mestre em
Comunicação, Cultura e Tecnologias de Informação

Orientadora:

Doutora Joana Fonseca França Azevedo, Professora Auxiliar

ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa

Orientadora:

Doutora Cristina Maria Pinto Roldão, Professora Adjunta Convidada

Escola Superior de Educação, Instituto Politécnico de Setúbal

Outubro, 2019

AGRADECIMENTOS

À professora Cristina Roldão agradeço por ter sido uma companheira e uma verdadeira mentora em todas as etapas da realização desta dissertação, pelo conhecimento transmitido, pelas reuniões incansáveis e, principalmente, por se mostrar um modelo a seguir não só em termos académicos, como também no que toca à realização pessoal.

À professora Joana Azevedo agradeço pelo facto de me ter acompanhado durante o processo de realização deste estudo académico, pelo esclarecimento de dúvidas e também por acreditar no potencial da temática discutida.

A todos profissionais de televisão participantes nas entrevistas que serviram de material de análise para esta dissertação. Obrigada por terem dispensado o seu tempo e me terem ajudado a analisar esta temática sob vários ângulos de reflexão. Agradeço ainda a todos os outros que não sendo possível realizar entrevista se disponibilizaram a ajudar de todas as formas possíveis.

Ao programa Bem-Vindos, da RTP África, por me ter proporcionado a oportunidade de refletir sobre o lugar dos negros e das minorias étnicas na televisão, assim como fazer chegar um pouco da minha mensagem a todos os seus telespectadores.

Às minhas companheiras de mestrado, Carolina Rodrigues, Catarina Pombo e Ana Rita Teixeira por terem estado sempre ao meu lado nas horas de maior angústia e desespero, por me terem amparado sempre que necessário e por terem acreditado em mim.

À Sofia Yala Rodrigues, à Cátia Fortes e à Vânia Sanhá, agradeço por se terem revelado um apoio e amigas, no que toca a vários momentos envolvidos na concretização desta dissertação através de dicas, trocas de ideias e apoio emocional.

À Vanessa Santos, que está na minha vida desde o 10º ano e, que apesar de nos termos separado academicamente, agradeço porque foi sempre uma amiga muito especial e manteve-se presente nas alturas de tristezas e superação durante o período de realização desta dissertação. Obrigada.

À minha família, dos pais às irmãs, aos primos e primas e tios e tias, agradeço por terem estado presentes durante este e outros momentos da minha vida, por se mostrarem incansáveis aos meus queixumes e por terem mostrado o vosso orgulho e admiração ao escolher refletir e analisar a temática da representação dos negros na televisão portuguesa.

Ao Tomásio Costa, obrigada pelo grande apoio e acima de tudo o inabalável incentivo dado durante esta etapa que agora chega, finalmente, ao fim.

Resumo

O presente trabalho procura analisar a (in) visibilidade dos profissionais pertencentes às minorias étnico-raciais através da percepção de jornalistas e apresentadores de televisão, enfatizando a especificidade das suas experiências enquanto sujeitos negros na televisão portuguesa e a avaliação que fazem do papel da televisão na construção e transmissão de representações da diversidade étnico-racial presente em Portugal. Um dos resultados desta pesquisa foi a revelação de quatro perfis referentes aos profissionais: *conscientes*, *meritocratas*, *confiantes* e *negacionistas*. Outro dos objetivos desta dissertação foi dar conta das desigualdades na distribuição étnico-racial de profissionais da televisão, por um lado, contabilizando o número de jornalistas e apresentadores negros que passaram por alguns canais da televisão portuguesa no período 1992 e 2017 e, por outro, analisando os lugares ocupados por esses profissionais na hierarquia dos conteúdos televisivos. O estudo tem uma estratégia mista, combinando análise quantitativa com entrevistas semidirectivas a 14 profissionais de diferentes canais. Neste trabalho discute-se ainda como é que as imagens transmitidas pelos *media* influenciam as ideias dos indivíduos acerca deste grupo minoritário inserido na sociedade portuguesa; analisa-se a relação entre Portugal e pessoas negras, assim como procura-se compreender o fenómeno da imigração negra e tenta-se perceber o impacto da presença destes profissionais na construção identitária dos jovens negros, mas também outros.

Palavras-chave: *media*, televisão, desigualdade étnico-racial, racismo, negritude, representatividade, identidade

Abstract

This paper aims to analyse the (in) visibility of professionals belonging to ethnic-racial minorities through the lenses of journalists and TV hosts. Emphasizing the particularity of their experiences as black subjects in Portuguese television and their understanding of the role of television in the building and transmission of representations of the ethnic-racial diversity existing in Portugal. One of the results of this research was the revelation of four profiles regarding the professionals: *woke*, *meritocrats*, *trustees* and *negators*. Another aim of this dissertation was to address the inequalities in the ethnic-racial distribution of television professionals: first, by counting the number of black journalists and television presenters who worked in some Portuguese television channels between the period 1992 until 2017. And lastly, analysing the positions occupied by these professionals in the hierarchy of television content. The study has a mixed approach, combining quantitative analysis with semi-directive interviews with 14 professionals from different channels. Additionally, this paper aims to discuss: how the images transmitted by the media influence the ideas of individuals about this minority group inserted in Portuguese society; analysing the relationship between Portugal and Black people, as well as try to understand the phenomenon of black immigration and try to understand the impact of the presence of these professionals in the identity building of young black people but also others.

Keywords: media, television, ethnic-racial inequality, racism, blackness, representativeness, identity

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I- OS <i>MEDIA</i> E AS SUAS FUNÇÕES	5
1.1- Teorias dos <i>media</i> e da comunicação: a influência, as funções e os efeitos dos <i>media</i> na sociedade.....	5
1.1.1- A influência dos <i>media</i>	5
1.1.2- As funções dos <i>media</i>	8
1.1.3 - Os efeitos dos <i>media</i>	11
1.2- O papel da televisão	15
CAPÍTULO II- DIÁSPORA AFRICANA, PORTUGUESES NEGROS E RACISMO (NOS <i>MEDIA</i>).....	17
2.1- Diáspora Africana- séculos XV-XX – segundo a perspectiva de José Tinhorão.....	17
2.2- Portugueses negros do século XXI	20
2.3- (In) Visibilidade dos negros na TV: existência e repercussão	24
CAPÍTULO III- EXPOSIÇÃO DA METODOLOGIA	27
3.1- Problemática, objetivos e campo de pesquisa.....	27
3.2- Operacionalização da pesquisa: arquivo e entrevista.....	29
CAPÍTULO IV- PERCEÇÃO E EXPERIÊNCIA DOS PROFISSIONAIS NA TV: ANÁLISE DE RESULTADOS	31
4.1- Trajetórias dos profissionais negros e suas percepções sobre o racismo	31
4.2- Perspetivas sobre as causas e formas de superação do racismo: perfis de posicionamento	33
4.3- Identificação e justificação de tendências.....	41
4.4- A presença de profissionais negros na televisão portuguesa 1992-2017	43
CONCLUSÕES.....	47
BIBLIOGRAFIA.....	53
ANEXOS.....	i
Anexo A- <i>Guião de entrevista</i>	i
Anexo B- <i>Identificação dos profissionais encontrados no mapeamento nos canais portugueses entre 1992-2017</i>	ii
Anexo C- <i>Presença de profissionais negros na televisão portuguesa entre 1992-2017</i>	viii
Anexo D- <i>Evolução da presença negra nos canais portugueses entre 1992-2017</i>	xiv
Anexo E- <i>Características da presença dos profissionais negros na TV portuguesa entre 1992-2017</i>	xvii
Anexo F- <i>Fontes digitais e notícias sobre as carreiras dos profissionais negros em Portugal</i>	xix

INTRODUÇÃO

A relação entre Portugal e a população negra iniciou-se, pelo menos, no século XV (Tinhorão, 1988), altura em que as navegações portuguesas conseguiram alcançar algumas terras do continente africano, iniciando-se o período de escravatura da população negra que habitava os territórios que atualmente se designam de ex-colónias portuguesas africanas. A escravatura realizada por portugueses sob a população negra no Brasil, em África e em Portugal estende-se até ao século XIX. Posteriormente, a colonização portuguesa de alguns territórios em África, que se estenderá até 1974, irá dar continuidade a um conjunto de formas de dominação e exploração da população negra pelo Estado português, marcadas pelo racismo. Embora a ligação entre estes povos date mais de cinco séculos, ainda é possível notar uma fraca visibilidade dos negros em determinados espaços na sociedade portuguesa, não existindo “*qualquer correspondência entre o número de negros que vemos nas ruas e o número de negros em lugares de liderança na sociedade*” (Henriques, 2016:11). Neste sentido, entende-se os *media* como um dos meios no qual os negros não estão representados de forma significativa, em Portugal, sendo que “*a ausência de representatividade de uma fatia expressiva da sociedade portuguesa- fatia essa usada como bandeira de cosmopolitismo da população por algumas entidades oficiais- espelha um sistema que discrimina pela cor da pele*” (Henriques, 2016:11-12).

Pertencendo aos *legacy media*, a televisão é ainda, para uma fração considerável da população, o principal meio de informação e entretenimento. As imagens transmitidas nos ecrãs, geralmente, representam um grupo específico de determinado contexto. No entanto, existe uma discrepância no que toca à representação da diversidade étnico-racial da sociedade portuguesa. Concebendo Portugal como um país com diversidade étnico-racial, este cenário não é transmitido nos vários canais portugueses. Parece pertinente refletir se existe marginalização das comunidades étnico-raciais nos *media* e analisar como é que a televisão é responsável pela perpetuação e manutenção do racismo, divisão dos seres humanos em categorias segregacionistas através de processos político-sociais (Carneiro, 2018).

De entre a população imigrante residente em território português, decidiu-se debruçar sobre os negros africanos, uma vez que “*os africanos são os mais antigos, os mais sedentarizados e, se agregarmos todas as nacionalidades de origem, os mais numerosos de todas as populações imigrantes estabelecidas em Portugal*” (Machado, 2011:35). Perante o entrave presente na sociedade portuguesa, onde não se reconhece legalmente a diferença baseada na raça, etnia ou cor da pele dos indivíduos, tomar-se-á como negro todos os indivíduos em que seja possível reconhecer traços de descendência africana (Vala, 1999), realçando que este é um princípio de exo-classificação, ou seja, todos os profissionais negros considerados nesta

dissertação foram classificados a partir do entendimento da autora sobre quem é percebido como “negro”.

O meio televisivo é pertinente de modo a perceber-se de que forma a imagem dos profissionais negros é veiculada, quais são os espaços ocupados por estes indivíduos nas várias estações de televisão, quais as características destes profissionais, que nem sempre são africanos, mas negros portugueses ou mesmo afro-brasileiros, quais as percepções destes profissionais acerca da representatividade e diversidade étnico-racial na televisão portuguesa e quais são as suas experiências enquanto negros inseridos no meio televisivo. Adicionalmente, a presença destes profissionais em certos canais e formatos tem uma dimensão política, na medida em que acarreta questões ligadas à influência na transformação da sociedade portuguesa e da imagem ou valores associados aos negros. De acordo com Silverstone, “*the (new) media, indeed, affect and involve us as fully a social and political as well as economic beings. And in questioning their significance the bottom line might be found in use, and in our capacity to mobilize their potential for social and political good*” (Silverstone, 1999: 12).

A fraca visibilidade de indivíduos de diferentes origens étnico-raciais na televisão leva-nos a pensar a razão pela qual a esmagadora maioria dos profissionais, principalmente nas instituições privadas, como podemos observar na análise realizada, é branca e portuguesa. Socialmente tem implicações ligadas à construção da identidade das minorias étnicas que ao depararem-se com aquelas imagens não se veem, assim como na identidade nacional da maioria branca que não reconhece estes indivíduos como portugueses. Politicamente, as tomadas de decisão dessas empresas acabam por perpetuar os ideais da ideologia dominante. Segundo a Unesco (1978), os *media* acabam por irradiar os preconceitos ligados à discriminação étnico-racial, assim como a transmissão de imagens unilaterais e tendenciosas de pessoas ou minorias.

Será que os *media* portugueses reproduzem as desigualdades étnico-raciais que atravessam a sociedade? É a questão que impulsionou a investigação para esta dissertação. Para responder a esta questão, mais do que analisar o imaginário subjacente aos conteúdos televisivos e o seu papel no reforço ou desconstrução de estereótipos racistas, procurou-se antes dar conta da representatividade étnico-racial no recrutamento de profissionais de televisão, jornalistas e apresentadores negros em programas de informação e entretenimento portugueses. Interessava, portanto, dar conta, ainda que de forma aproximada, do número de profissionais que trabalharam na televisão enquanto jornalistas e/ou apresentadores entre 1992 e 2017 e perceber qual a percepção destes profissionais sobre os lugares ocupados pelos negros nestes géneros televisivos e, ainda, refletir sobre cenários futuros quanto à situação das minorias étnicas nos *media* portugueses, mais concretamente na televisão.

De modo a abordar estas questões, no capítulo I elaborar-se-á uma análise sobre a influência, funções e efeitos dos *media* na sociedade, visto que estes desempenham um papel crucial na construção e manutenção de certos valores e ideias e veiculam imagens, no caso da

televisão, capazes de perpetuar certos estereótipos, preconceitos e formas de identidade nacional. O capítulo seguinte é reservado à diáspora africana, aos negros portugueses e à temática do racismo nos *media*. Expondo os diferentes ciclos de ligação e migração entre Portugal e as ex-colónias, caracterizando as funções e ideias ligadas à população negra inserida no seio da sociedade portuguesa desde o século XV até ao momento. No terceiro capítulo serão evidenciadas as técnicas e metodologia utilizadas nesta dissertação para melhor expor a temática discutida, nomeadamente a análise de conteúdo, focando-se no período temporal de 1992 a 2017 e a realização de entrevistas semidirectas a profissionais negros.

E, finalmente, no capítulo IV discute-se os dados obtidos durante a pesquisa, nomeadamente a exposição e explicações dos perfis (*conscientes, meritocratas, confiantes e negacionistas*) resultantes da análise das entrevistas semidirectivas, o levantamento do número de negros que desempenharam funções na televisão no período e categorias pretendidas, assim como a análise das perceções dos profissionais negros entrevistados.

CAPÍTULO I- OS *MEDIA* E AS SUAS FUNÇÕES

1.1- Teorias dos *media* e da comunicação: a influência, as funções e os efeitos dos *media* na sociedade

1.1.1- A influência dos *media*

Os meios de comunicação social apresentam-se numa dualidade a que o sociólogo Dominique Wolton caracteriza como um espelho e uma janela para a sociedade. Enquanto espelho refletem a realidade e são presas fáceis dos seus estereótipos dominantes, enquanto janela olham para o futuro desvendando cenários alternativos (Salim, 2008:9). Os *media* constituem-se como um setor importante no seio de qualquer comunidade, uma vez que são um “*universo simbólico, objeto de consumo maciço, um terreno de confronto político, um sistema de intervenção cultural e de agregação social e uma maneira de passar o tempo*” (Wolf, 1987:9). Estas configurações caracterizantes dos *media*, do qual fazem parte a imprensa escrita, a rádio, os meios de informação digital e a televisão, conferem-lhes uma influência, instantânea e inevitável sobre o público que lê, ouve e vê os conteúdos produzidos nestes meios, que conseqüentemente, podem dar sentido ao mundo, ao moldarem a perceção, contribuir para o conhecimento do passado e dar continuidade à compreensão do presente (Cunha, 2003). Enquanto produto dos *media*, as imagens transmitidas pela televisão influenciam a forma com os telespetadores percecionam o estado da realidade envolvente. Assim sendo, esta dissertação pretende debruçar-se acerca da maneira como a (in)visibilidade dos profissionais negros na televisão portuguesa pode levar à leitura desta sociedade enquanto um meio onde as diversidades étnico-raciais estão dificilmente representadas destes espaços privilegiados.

A partir da problemática acerca da influência dos *media* desenvolveram-se, ao longo do século XX, no contexto da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), inúmeras teorias ligadas ao estudo da comunicação de massas, aliada à propaganda e com uma visão “negativa”. Estas teorias pretendiam responder às seguintes questões: quais as conseqüências diretas e imediatas ligadas ao consumo das comunicações dirigidas às massas? E quais os efeitos a longo prazo?

Num primeiro momento surgiu a “teoria da bala mágica”, de caráter behaviorista, coincidente com o período das duas grandes guerras mundiais. Esta visão teórica defendia que “*cada elemento do público é pessoal e diretamente ‘atingido’ pela mensagem*” (Wright, 1975:79) e que existe uma relação direta entre a exposição às mensagens e o comportamento do indivíduo, levando-o a agir, caso seja manipulado e controlado pelos conteúdos dos *media*. De acordo com a abordagem teórica, a massa é composta por um conjunto homogéneo de indivíduos que são indiferenciáveis, embora provenham de contextos sociais diferentes e heterogéneos (Wolf, 1987).

Ao fazer parte da massa, os indivíduos, “frágeis” (Wright, 1975), são expostos a mensagens e conteúdos que ascendem a sua experiência, referentes a universos com significado e valor não coincidentes necessariamente com as normas do grupo do qual fazem parte. Como é o caso da população negra residente em Portugal, que está habituada a conviver, em maior ou menor grau, com outros negros, mas não os vê na televisão. Aproveitando da fragmentação e dissolução das massas, os *media* agem de modo a fornecer “*conhecimentos e imagens da realidade social que transpõem os limites estreitos da experiência pessoal e imediata*” (Wolf, 1987:21-22).

Contrariamente à “teoria da bala mágica” em que o indivíduo é passivo e responde apenas aos estímulos dos *media*, desenvolveu-se, embora tenha partido da mesma, o paradigma de Lasswell. O autor desenvolveu um modelo que servia de base para descrever um ato de comunicação. Para tal era necessário responder à questão: quem diz o quê através de que canal e com que efeito? Sendo que “quem” caracteriza o estudo dos emissores, “diz o quê” debruça-se sobre a análise das mensagens, “através de que canal” estuda os meios e “com que efeito” pretende analisar as audiências e os efeitos, efetivamente. Lasswell permitiu a evolução da anterior teoria explicitando que “*na influência das comunicações de massa intervêm as resistências que os destinatários opõem de várias formas*” (Wolf, 1987:26). Deste modo, deixa-se de pensar nos indivíduos constituintes da massa como seres meramente passivos. Paralelamente ao paradigma de Lasswell, surgiram novas teorias superadoras e inversas à teoria hipodérmica. O novo foco de investigação revelou o caráter decisivo da audiência, abandonando a conceção unilateral de estímulo- reação vigente na “teoria da bala mágica”.

Os investigadores começaram a analisar os indivíduos e o contexto onde se inseriam. Na década de 1940, os estudiosos focaram-se no estudo da eficácia persuasiva, conectando-o aos traços psicológicos dos indivíduos. Esta mudança acontece porque se chegou à conclusão de que “*as mensagens dos meios de comunicação contêm características particulares de estímulo que interagem de maneira diferente com os traços psicológicos que constituem o público*” (De Fleur, 1970:122). Os processos lógicos intervenientes fazem com que a mensagem possa ser lida de maneira diferente por diferentes indivíduos, embora continue a haver uma causa (isto é estímulo) e um efeito (isto é resposta). Desta forma é possível pensar, no contexto específico desta dissertação, quais os efeitos quando os canais portugueses decidem escolher uma pessoa com determinadas características étnico-raciais para apresentar certos formatos televisivos? E ainda, de que forma os profissionais negros percecionam a presença e lugares ocupados pelos mesmos na televisão portuguesa?

É necessário conhecer as características da população «alvo» para se decidir qual o melhor canal para captar a sua atenção, assim como é necessário conhecer as preferências do público alvo. Pensar que estrato da população está predominantemente exposto à influência da televisão ou que condições levam um indivíduo a escolher a televisão em detrimento de outro meio, pois “*grande parte do efeito de qualquer programa é pré-determinado pela estrutura da*

audiência” (Wolf, 1987:32). Estas questões serão retomadas nos capítulos II e IV. De momento serviram apenas para ilustrar a pertinência do estudo da audiência e os objetivos traçados pelos *mass media*. No entanto, é pensar que os traços psicológicos de cada um dos elementos da audiência conferem-lhe uma percepção seletiva. Embora todos vejam o mesmo, as suas experiências e posição social influenciam o conteúdo consumido, alterando, por vezes, o significado das mensagens. A audiência não se expõe à televisão num estado de nudez psicológica, inversamente expõe-se revestida e protegida por predisposições já existentes, por processos seletivos e influência de outros fatores (Klapper, 1963). “*A interação transforma e adapta o significado da mensagem recebida, fixando-as às atividades e aos valores do destinatário até mudar (...) radicalmente o sentido da própria mensagem*” (Wolf, 1987:33).

Um estudo realizado por Cooper e Jahoda (1947) acerca do êxito de uma série de desenhos animados antirracista mostrou que a reação da audiência às atitudes da personagem racista era não compreender a mensagem, aquilo a que as autoras denominaram “descodificação aberrante”. Por não compreender o objetivo daquele conteúdo aceitou-se superficialmente o cartoon, fundamentando que perante algumas ocasiões o preconceito se justifica. A audiência entendeu o *cartoon*, por um lado, como uma representação correta da realidade e por outro, classificou-o como sendo apenas uma história. Por esse motivo, deu-se uma modificação do quadro de referência da situação narrada pelo *cartoon*, “*os mecanismos psicológicos que contribuem para reduzir potenciais fontes de tensão excessiva ou de dissonância cognitiva, influenciam grandemente o processo de percepção das comunicações de massas*” (Wolf, 1987:34).

No primeiro caso, em que se viu o *cartoon* como uma representação da realidade, os destinatários assimilaram a opinião expressa na mensagem por sentirem que era análoga às suas experiências. Para que esta condição fosse possível tiveram de estar em concordância com outras condições como a diferenciação não excessiva entre as opiniões dos indivíduos e as do emissor, um escasso envolvimento e uma fraca adesão dos destinatários à temática da mensagem e os seus pontos de vista sobre o assunto, assim como uma atitude positiva com o comunicador. As condições anteriormente expressas definem o “campo de aceitação” dentro do qual as ideias contidas na mensagem são vistas pelo destinatário como “objetivas” e “aceitáveis”. Por oposição, existe o campo da recusa determinante para que a mensagem seja lida como “propagandista” e “inaceitável”; provocando um efeito assimétrico entre a opinião dos destinatários e a opinião da mensagem. Além da recusa e da aceitação, a memória seletiva é outro fator a ter em consideração. Nos casos em que existe concordância entre a mensagem transmitida pelo emissor e a opinião do destinatário, o conteúdo é memorizado num grau mais elevado do que outros e essa tendência é acentuada à medida que decorre o tempo de exposição à mensagem.

O contexto social é um fator determinante para que a ação dos *media* influencie a população, para além da estrutura do sistema social que o rodeia. De acordo com Lazarsfeld, inserido na teoria dos *mass media*, os efeitos provocados pelos meios de comunicação de massa

“*dependem das forças sociais que predominam num determinado período*” (Lazarsfeld, 1940:330). Deste modo, apercebemo-nos que é socialmente aceite, por uma parte significativa da população residente em Portugal e pelos governantes, que a situação da sub representatividade das minorias étnico-raciais não é alarmante, pois, não se tem agido de maneira a modificar a situação.

No início do mês de junho de 2019, esta temática foi discutida pela SIC através da reportagem "Os Visíveis". No entanto, não houve ainda qualquer repercussão por parte das pessoas com poder político para exigir alguma mudança. Os chamados líderes de opinião, com grande influência no público, até ao momento, não intercederam em relação à temática, mesmo no quadro de eleições legislativas em que a questão da representatividade étnico-racial foi tão central que três partidos de esquerda apresentaram mulheres negras como candidatas: Joacine Katar Moreira, Beatriz Gomes Dias e Romualda Fernandes. Este fenómeno mostra-nos que a esfera pública (Habermas, 1991), espaço de debate público, no qual se podem formar opiniões, é dominada pela indústria cultural, e mais uma vez só se repercutem ações de acordo com os interesses da estrutura capitalista dominante. Jean Baudrillard (1981) analisa os meios de comunicação modernos como meios mais profundamente impactantes. Estes meios têm o poder de criar uma “hiper-realidade”, na qual existe uma mistura das ações dos indivíduos e as imagens criadas e repetidas pelos *media*. Remetendo mais uma vez ao sistema político, é praticamente impossível, hoje em dia, que alguém seja eleito sem que a sua imagem não apareça repetidamente na televisão, por exemplo. O povo vota de acordo com as imagens transmitidas pelos meios de comunicação e não realmente pelo que a pessoa poderá ser. As imagens que nos chegam, de acordo com a teoria do *gatekeeping* (Shoemaker, 2009), mostram o poder detido pelos *media*, que são os “guardiões do portão” dos conteúdos veiculados por estes meios. Os canais de televisão, as rádios, os jornais e *sites* fazem uma triagem daquilo que chega à audiência segundo os seus critérios. Assim sendo, as informações e possíveis perceções do público são filtradas mesmo antes de este ter acesso aos conteúdos.

1.1.2- As funções dos *media*

Segundo Lasswell (1948), os meios de comunicação de massa desempenham três funções principais: fornecer informações, fornecer interpretações significativas e coerentes às informações e reproduzir os valores culturais e simbólicos socialmente dominantes. Esta última função está intrinsecamente ligada à ideologia, na medida em que, maioritariamente, são emitidos textos visuais que vão ao encontro das ideologias dominantes, não se alterando aquilo que se é esperado, respondendo, nalguns casos, a padrões que se estabelecem ao longo do tempo. A estas

funções, Wright (1960) acrescentou uma quarta função que seria entreter o espectador, de modo a servir de escape às suas ansiedades e problemas sociais.

Dentro dos parâmetros das funções psicológicas e sociais da comunicação de massa, Katz, Gurevitch e Haas (1973) identificam cinco classes de necessidades que devem ser satisfeitas pelos *mass media*, entre elas estão: as necessidades cognitivas (aquisição e reforço de conhecimentos e de compreensão); necessidades afetivas e estéticas (reforço da experiência estética e emotiva); necessidades de integração a nível pessoal (segurança e estabilidade emotiva, incremento da credibilidade e da posição social); necessidades de integração a nível social (reforço dos contactos interpessoais com a família, os amigos, etc.); necessidades de evasão (abrandamento das tensões e dos conflitos). Os *media* acabam por servir como meio de reforço da relação entre os indivíduos e a sociedade.

Os meios de comunicação social são sustentados por grandes grupos inseridos no sistema económico e social, por conseguinte, segundo Wright (1960), servem para difundir a ideologia dominante, de modo a contribuírem para a manutenção desse sistema. Cabe-lhes favorecer as pessoas e os grupos prestigiados, para além de fortalecerem as normas sociais, exercendo a sua função ética.

Para Lazarsfeld e Merton (1948), os *mass media*, que poderiam ser instrumentos de liberdade e imparcialidade, conduzem a sociedade no seu conjunto global, a um estado adormecido e conformista. “*O impulso para o conformismo exercido pelos meios de comunicação de massa deriva não só de tudo o que neles é dito, mas, mais ainda, de tudo o que não dizem. De facto, não só continuam a apoiar o status quo como também, e na mesma medida, deixam de levantar questões essenciais quanto à estrutura social, (...) os meios de comunicação comercializados ignoram os objetivos sociais quando esses objetivos chocam com o lucro económico. Ao ignorar sistematicamente os aspetos controversos da sociedade, a pressão económica incita o conformismo*” (Lazarsfeld- Merton, 1948:86). Porém, quando os interesses económicos não contrastam com as funções sociais dos *media* é possível transformar essas funções económicas, que usam os conteúdos como meios para despertar a atenção de anunciantes e potenciar compradores e consequentemente aumentar o lucro, em “funções de uso”. Isto significa que certos elementos standardizados do processo comunicativo podem ser manuseados como ferramentas de construção e desconstrução social, ao transformar a intolerância em tema a discutir, analisar e criticar socialmente. Ao deparar-se com determinados programas criados propositadamente para atrair a atenção para certos problemas socialmente esquecidos ou incompreendidos, o recetor, depois de uma exposição contínua, poderá reduzir os seus preconceitos para com as minorias. De acordo com Wright (1974:209) “*mesmo que diferenciemos as necessidades das funções, é possível conceber, em termos funcionais, a satisfação das necessidades sentidas pelos indivíduos. Consequentemente, a abordagem funcional evolui, partindo da questão “o que é que os mass media fazem às pessoas?” para “o que que as pessoas*

fazem com os mass media?”. A mudança de panorama tem por base a pressuposição de que um indivíduo não é influenciado por uma mensagem dos *media* caso não faça uso dela no contexto sociopsicológico em que vive (Katz, 1959), uma vez que as mensagens contidas nos conteúdos dos *media* são captadas, interpretadas e adaptadas ao contexto subjetivo dos conhecimentos, das experiências e das motivações. Segundo este ponto de vista, o recetor, mesmo inserido numa relação assimétrica com o emissor, tem o poder de iniciação, pois origina mensagens de retorno e interpreta com um certo grau de autonomia. A sua autonomia diz também respeito ao facto de, racionalmente, o recetor escolher qual o melhor meio de comunicação para satisfazer as suas necessidades, qual o canal no qual ele se sente mais representado ou qual dos canais reflete melhor os seus valores.

Num outro plano de investigação temos a teoria crítica, na qual se insere a Escola de Frankfurt, de autores como Horkheimer, Adorno, Marcuse e Habermas. Esta abordagem entende a sociedade como um todo. A visão teórica “*consiste em enfrentar as temáticas novas que se aproveitam das dinâmicas societárias da época como, por exemplo, o autoritarismo, a indústria cultural e a transformação dos conflitos sociais nas sociedades altamente industrializadas. Através dos fenómenos supra-estruturais da cultura ou do comportamento coletivo, a ‘teoria crítica’ pretende penetrar no sentido dos fenómenos estruturais, primários, da sociedade contemporânea, o capitalismo e a industrialização*” (Wolf, 1987:72).

O grande foco do estudo dos pensadores, Adorno e Horkheimer, recaiu sobre a análise de como a cultura fora transformada no que os autores cunharam de ‘indústria cultural’ na obra *Dialética do Iluminismo* onde se descreve “*a transformação do progresso cultural no seu contrário, a partir das análises de fenómenos sociais característicos da sociedade americana, entre os anos de mil novecentos e trinta e mil novecentos e quarenta. Nas notas anteriores à edição definitiva da Dialética do Iluminismo, emprega-se o termo ‘cultura de massas’. A expressão foi substituída por ‘indústria cultural’ para a suprimir, e desde o início a interpretação corrente é a de que se trate de uma cultura que nasce espontaneamente das próprias massas, de uma forma contemporânea da arte popular*” (Wolf, 1987:73).

O que transforma a ‘cultura de massas’ em ‘indústria cultural’ é a interdependência existente entre filmes, rádio e semanários que trabalham como um sistema controlado pelo capitalismo (Horkheimer- Adorno, 1947). A tecnologia é vista pelos investigadores como a responsável pela massificação, padronização e organização dos mercados; os gostos do público estão baseados em estereótipos e são de baixa qualidade. O público, no contexto da indústria cultural, não tem tempo para refletir acerca dos produtos que consome, visto que existe um vasto número de ofertas, com pouca qualidade, e tenta, ao mesmo tempo, acompanhar o ritmo de produção dos conteúdos, criando-se um ciclo de manipulação e de necessidade. A estratificação dos produtos culturais acompanha paralelamente a lógica de todo o sistema produtivo: “*o facto de se oferecer ao público uma hierarquia de qualidade em série, serve apenas à quantificação*

mais completa” (Horkheimer- Adorno, 1947:131). A audiência é levada a pensar, devido à quantidade de conteúdos que consome, que os produtos pretendem exibir novas histórias e novos conceitos. Todavia, *“aquilo que a indústria cultural oferece de continuamente novo não é mais do que a representação, sob formas sempre diferentes, de algo que é sempre igual; a mudança oculta um esqueleto, no qual muda tão pouco como no próprio conceito de lucro desde que este adquiriu o domínio sobre a cultura”* (Wolf, 1987:74). Com vista no lucro, esta nova faceta da máquina cultural acaba por excluir tudo o que seja novo e que se apresente como um risco (económico).

Segundo Adorno, os indivíduos tornam-se em ‘escravos’ e, dependentes das suas próprias necessidades, deixam de ser autónomos, tornam-se objetos manipuláveis do poder da sociedade, *“o conflito entre os impulsos e a consciência soluciona-se com a adesão acrítica aos valores impostos, aquilo que os filósofos chamavam vida, reduziu-se à esfera do privado e, posteriormente, à do consumo puro e simples, que não é mais do que um apêndice do processo material da produção, sem autonomia e sem essência própria”* (Adorno, 1951:3). Quanto mais a ideologia da indústria cultural se consolida mais poder é-lhe conferida para guiar e disciplinar os gostos do consumidor. Nesta lógica, a diversão remete para a permanente concordância e o dever de não se pensar. Não se coloca em causa o tipo e a qualidade de produtos ‘oferecidos’ a este consumidor cego por uma falsa vontade (Wolf, 1987). O sujeito aliena-se da sua posição social real, o seu vínculo identitário passa a estar inevitavelmente conectado com a sociedade consumista, que usa de meios como a ubiquidade, repetitividade e padronização como artifícios para controlá-lo psicologicamente, *“quanto mais indistinto e difuso parece ser o público dos modernos mass media, mais os mass media tendem a conseguir a sua ‘integração’. A sociedade é sempre a vencedora e o indivíduo não passa de um fantoche manipulado pelas normas sociais”* (Adorno, 1954:384).

1.1.3 - Os efeitos dos *media*

A atuação dos *media* tem efeitos significativos (McQuail, 1983). As mensagens dos *mass media* estão estruturadas com o objetivo de seduzirem e manipularem a audiência em vários níveis psicológicos. O texto visual, escrito e oral contém mensagens ocultas, podendo ser mais relevantes do que aquelas que estão expressamente expostas. Estas podem escapar do controlo da consciência, mas não serão impedidas *“pelas resistências psicológicas aos consumos e penetrará provavelmente no cérebro dos espectadores”* (Adorno, 1954:384). A manipulação do público acontece pela transmissão de mensagens frívolas e aparentemente simples, que ao dizerem uma coisa querem, na verdade, dizer outra e expressar o seu significado oculto. Wolf (1987), em *Teorias da Comunicação*, expressa que a observação dos conteúdos da comunicação de massa

transforma o agente, o observador, num ser ‘escravo’ das mensagens transmitidas, pois, sem saber, absorve ordens, indicações e proibições.

O público é dominado por múltiplas estratégias como a representação de estereótipos, pois estes apresentam-se como elementos aparentemente indispensáveis para se organizar as experiências da realidade. Porém, não se pode deixar de considerar que estas representações estereotipadas são fruto do poder existente entre diferentes grupos das sociedades. Estas representações vão servir de certa forma para ‘orientar’ os indivíduos de modo a saber qual o lugar que desempenham enquanto cidadãos inseridos num determinado contexto, assim como antecipar as experiências reais. Os estereótipos criam um modelo de expectativas e “*impedem o caos cognitivo, a desorganização mental, constituem, em suma, um instrumento necessário de economia na aprendizagem*” (Wolf, 1987:79). Este artifício exercido pelos *media*, geralmente, em vez de fazer com que as pessoas se questionem acerca daquela imagem construída e tentarem construir uma realidade vivida em detrimento de uma realidade experienciada através das imagens, fá-las fugir da vida da sociedade moderna. “*Quanto mais os estereótipos se materializam e fortalecem (...), provavelmente, tanto menos as pessoas modificarão as suas ideias preconcebidas com o aumento da sua experiência. Quanto mais dura e complicada é a vida moderna, mais as pessoas se sentem tentadas a agarrar-se a clichés que parecem conferir uma certa ordem àquilo que, de outra forma, seria impossível. Assim, as pessoas podem não só ser privadas da verdadeira compreensão da realidade como também a sua capacidade de entenderem que a experiência da vida pode ser fundamentalmente enfraquecida com o uso constante de óculos fumados*” (Adorno, 1954:390).

Na década de 1950 surgiram, em Birmingham, os *cultural studies*, uma nova perspetiva respeitante à reflexão das funções da comunicação na estratégia social. De que forma se articulam as relações entre o sistema dos *mass media* e as outras estruturas e instituições sociais (Wolf, 1987), tendo por objetivo a definição da cultura que caracteriza a sociedade contemporânea. Os *cultural studies* tentam compreender a ação dos *media*, centrando-se na “*análise de uma forma específica de processo social, relativa à atribuição de sentido à realidade, à evolução de uma cultura, de práticas sociais partilhadas, de uma área comum de significados*” (Wolf, 1987:93).

Stuart Hall descreve a cultura como algo muito além das práticas culturais e dos costumes de uma sociedade, o conceito de cultura engloba os significados e valores pertencentes e difundidos entre as classes e os grupos sociais. O papel dos *mass media* dentro das inter-relações das práticas culturais é a definição e estruturação dos modos de vida. Por meio de várias estruturas e processos, as instituições da comunicação de massa mantêm e reproduzem a estabilidade social e cultural, dentro das próprias mudanças que se operam no sistema cultural (Wolf, 1987).

Os *media* funcionam como meios de produção e reprodução ideológicas. O objetivo ideológico global da reprodução do sistema cultural operado através dos *mass media*, sobressai pela análise de várias determinações (internas e externas ao sistema de comunicação) que

vinculam ao libertarem as mensagens dentro das práticas produtivas e através delas. *“De tais práticas é explicitado sobretudo o carácter estandardizado, redutor, que favorece o status quo, mas é também, e simultaneamente contraditório e variável; a complexidade da reprodução cultural surge em primeiro plano, assim como se torna clara as atitudes dos indivíduos. O comportamento do público é orientado por fatores estruturais e culturais que, por outro lado, influenciam o conteúdo dos mass media, precisamente pela capacidade de adaptação e de englobamento destes últimos. Para além disso, esses fatores estruturais favorecem a institucionalização dos modelos ‘aprovados’ de utilização dos mass media e de consumo dos produtos culturais”* (Wolf, 1987:95). Por outras palavras, os meios de comunicação social reproduzem, maioritariamente, os valores e práticas da ideologia dominante, por conseguinte, fazem apologia da cultura dominante, marginalizando opiniões, vivências e experiências alternativas. Todavia, é também nos meios de comunicação social, onde se veem, menos representadas as subculturas e a contracultura. Designadas exatamente de ‘sub’ e ‘contra’ cultura porque não cabem dentro das representações dominantes e, no caso da contracultura, é uma resistência por via da oposição ao estilo de vida, valores, padrões e ideologias imanadas pela ideologia dominante. Apresentam-se, no caso das primeiras, como ramificações da ‘cultura’ e tiveram várias expressões mediante os períodos históricos e culturais. Uma dessas expressões é a “popular culture” que se apresenta, mais uma vez, como o oposto e inferior à cultura erudita e tem um carácter negativo associada à mesma. Apesar de ter sido absorvida pelos *media*, a cultura popular negra apresenta-se como um movimento *“contraditório e local de contestação estratégica”*, (Hall, 2003) mantém-se como uma forma de resistência. Um exemplo dessa apropriação dos meios de comunicação foi a massificação do *hip-hop* na MTV. No entanto, este estilo não deixou de denunciar e criticar os problemas sociais. Hall (2003) reflete sobre a cultura popular negra dizendo *“não importa o quão deformadas, cooptadas e inautênticas sejam as formas como os negros e as tradições e comunidades negras pareçam ou sejam representadas na cultura popular, nós continuamos a ver as nossas figuras e repertórios, aos quais a cultura popular recorre, as experiências que estão por trás delas. Na sua expressividade, sua musicalidade, sua oralidade e na sua rica, profunda e variada atenção a fala; nas suas vernaculares e locais, na sua rica produção de contra narrativas; e sobretudo, no seu uso metafórico do vocabulário musical, a cultura popular negra tem permitido trazer à tona, até nas modalidades mistas e contraditórias da cultura popular mainstream, elementos de um discurso que é diferente – outras formas de vida, outras tradições de representação”* (Hall, 2003:342).

O conceito de raça, entendido aqui como categoria sociopolítica e não enquanto característica genético-biológica, tem uma das suas bases assentes na construção realizada pela ação dos *media*. Hall aponta o forte papel desempenhado pelos meios de comunicação social. De acordo com o autor, *“the media construct for us a definition of what race is, what meaning the imaginary of race carries, and what the problem of race is understood to be. They help us to*

classify out the world in terms of their categories of race (...). The media are not only a powerful source of ideas about race. They are also one place where ideas are articulated, worked on, transformed and elaborated" (Hall, 1995:20). Hall apresenta-nos três imagens difundidas pelos *media* acerca do espaço ocupado pela 'gramática da raça', naquele contexto, embora frise que ao longo dos anos estas configurações sofreram mutações, porém têm a mesma gênese.

A primeira é a imagem do colonizado, pertencente a uma raça inferior, enquanto figura de escravo. Nessa posição, o escravo apresenta-se como um ser dependente, carinhoso ao ponto de se assemelhar com o afeto de uma criança. A personagem, o negro, o asiático e o índio, ao mesmo tempo que é carinhosa como uma criança, também é 'imprevisível e incerta', sendo que os brancos (mestres) nunca sabem o que esperar daquela figura.

A segunda característica distintiva entre a raça branca e as restantes é a personificação daqueles indivíduos enquanto 'os nativos'. Sendo nativos, os traços positivos que os constroem são a nobreza primitiva e a simples dignidade, enquanto que negativamente é caracterizado como bárbaro, selvagem, assim como esperto e com aptidão para enganar. Uma das formas utilizadas nos *media* para representar o nativo como selvagem é a utilização dos sons realizados durante rituais e cultos destes povos como banda sonora que antecede o ambiente perigoso para a figura do branco, transformando simbolicamente um ato cultural considerado inferior numa ameaça.

A terceira imagem construída pelos *media* com base na ideia de raça, é a figura do 'palhaço ou *entertainer*'. Esta última imagem molda a figura do negro junto do seu "mestre" e convidados que eram entretidos pela graciosidade física e rítmica do primeiro. No entanto, nunca é perceptível saber se o mestre, juntamente com os convidados, está a rir-se daquela figura ou a rir-se com a mesma. Esta figura de *entertainer* pode ser analisada através da existência de muito mais negros a desempenharem funções na área do entretenimento em vez de estarem também na informação e igualmente percecionada pelas oportunidades de ascensão dadas aos negros em Portugal como desportistas ou músicos. Adicionalmente, existem, na atualidade, imagens do jovem negro gangster, da mulher negra de alta fertilidade e subsídio dependente e a "mulata" sexualizada, esta última vista como o lado positivo da miscigenação. Estas imagens-tipo profundamente estereotipadas apresentadas por Hall são completamente incompatíveis com as ideias e imaginário de uma jornalista ou apresentador televisivo.

1.2- O papel da televisão

Os *media* desempenham um papel privilegiado dentro da cultura contemporânea. De acordo com Isaiah Berlin, oferecem “uma textura de experiência”. ¹“*We have thought of them as conduits, offering more or less undisturbed routes from message to mind; we can think of them as languages, providing texts and representations for interpretation; or we can approach them as environments, enfolding us in the intensity of a media culture, cloying, containing and challenging in turn*” (Silverstone, 1999:3). Os *media* são a consequência da evolução do processo social ao mesmo tempo que os processos político e económico, vistos por Marshall McLuhan (1962) como a extensão do homem, como uma prótese poderosa e com capacidade de grande extensão, agindo num processo de intermediação cultural entre os indivíduos e os conteúdos produzidos pelos *media*, pois constroem e oferecem significados.

Aos *media* compete-lhes filtrar e emoldurar a realidade quotidiana, este processo é possível através das representações (singulares e múltiplas) e pela produção e manutenção do senso comum (Silverstone, 1999). O senso comum configura-se como a expressão da experiência, algo que é partilhado e serve de medida para a maioria das coisas, assim como para a maioria dos indivíduos. Através do senso comum formam-se grandes grupos de representações nos quais cabe apenas o que é esperado. Quando algum fenómeno se apresenta fora do previsível é visto como extraordinário pelo facto de não “caber” nos grupos e representações criadas pelos *media*. Silverstone expressa que o senso comum é representado e, por vezes, mal representado pelos *media* através dos “*values, attitudes, tastes, the cultures of classes, ethnicities and the rest, which are reflections and constitutions of experience, and as such are key sites for the definition of identities, for our capacity to place ourselves in the modern world. And it is through common sense that we are enable, if we are indeed enabled, to share and distinguish our lives with and from others*” (Silverstone, 1999:6).

O estudo sobre os *mass media* expressa o seu papel como “*difusoras das estruturas dominantes e capacidade de gerarem efeito de adaptação na audiência*” (Wolf, 1987:118). Para além de exibirem as estruturas dominantes, os *media* constroem a imagem da realidade social e estão envolvidos em todos os aspetos da nossa vida quotidiana (Silverstone, 1999; Silverstone, 2005).

A televisão, integrante dos *media*, é um instrumento que pretende atingir um vasto número de pessoas, “*pela sua envergadura, o seu peso extraordinário, a televisão produz efeitos que, não sendo embora sem precedentes, são absolutamente inéditos*” (Bourdieu, 1997:45). No entanto, é possível perceber uma visão estreita no que toca à representação da diversidade étnico-racial em certos países. Será que os conteúdos televisivos e os profissionais presentes na televisão

¹Tradução própria. Tradução original “general texture of experience”.

conseguem representar a diversidade étnico-racial que caracteriza Portugal sem mobilizar os já referidos lugares-tipo e estereótipos?

Não é apenas pelo ato de mostrar que são construídas mensagens simbólicas, “*mostrar como a televisão pode, paradoxalmente, esconder mostrando, mostrando coisa diferente do que seria preciso mostrar se nela se fizesse o que supostamente se faz (...) ou ainda mostrando o que seria preciso mostrar, mas de tal maneira que é isso que não é mostrado ou se torna insignificante, por fim construindo de tal maneira que acaba por assumir um sentido em que nada corresponde à realidade*” (Bourdieu, 1997:11). A ação simbólica da televisão consiste em mostrar aquilo que não é representante de todos, como se fosse. De certo modo, o que vemos acaba por se constituir na amostra da ideologia dominante, assim como no imaginário daquilo que se pensa ser o público ‘português’ e branco que está representado sem se considerar a diversidade étnico-racial que marca a sociedade portuguesa, principalmente na área metropolitana de Lisboa.

Ao analisar as imagens transmitidas pelos canais portugueses é possível observar a sub-representação de pessoas não-brancas na função de apresentadores ou jornalistas, principalmente nos canais privados. O papel dos *media* na configuração de uma imagem coletiva sobre o “Nós” é fulcral e dessa mesma imagem, coletivamente interiorizada, brotam juízos de valor, atitudes e condutas (Cunha, 2003). A marginalização dos diferentes grupos étnico-raciais que fazem parte da estrutura social portuguesa é uma forma de silenciar essa diversidade. Por um lado, compromete a construção da identidade do público não-branco nas narrativas mostradas nos ecrãs que não encontra a experiência da sua diáspora, assim como prejudica a maioria branca, que não percebe e não desenvolve a ideia de multiplicidade de cores dos portugueses. A inclusão mais representativa destes indivíduos nos conteúdos transmitidos pela televisão contribuiria para a desconstrução de ideias incutidas socialmente na população, uma vez que os conteúdos mediáticos “*podem ter um papel crucial no encorajamento ou combate do preconceito racial*” (Braham, 1982: 282).

A televisão tem “*a capacidade de impor princípios de visão do mundo, óculos que fazem com que as pessoas vejam o mundo segundo certas visões (jovens e velhos, os estrangeiros e os franceses). Impondo essas divisões, criam-se grupos*” (Bourdieu, 1997:16). Por sua vez, dentro destes grupos não cabe a construção da imagem real do outro, fazendo dela ‘instrumento de opressão simbólica’ (Bourdieu, 1997).

O racismo e continuidades coloniais fez com que os filhos dos imigrantes africanos fossem vistos como ‘africanos’ em vez de ‘portugueses’, da mesma maneira que no Reino Unido, na década de 1940, depois da guerra, a palavra ‘imigrante’ passou a ser um sinónimo de ‘negro’, mesmo que a imigração mais significativa fosse ‘branca’, os “*expats*” (Braham, 1982:269). Esta relação entre o ‘negro’ e o ‘imigrante’ é feita a partir da ideia de que os negros, no contexto britânico pós-colonial, eram mais facilmente identificáveis pela sua cor e a imprensa descrevia-os como conflituosos e incapazes de se adaptar aos padrões daquela sociedade, logo a carga

pejorativa que recaía sobre a ideia de imigrante passou a estar concentrada no imaginário coletivo de ‘negro’, o que é uma continuidade dos preconceitos raciais que sustentam o colonialismo.

As conotações ligadas ao termo ‘negro’ estão relacionadas com o passado colonial, escravocrata e a imagem construída acerca dos negros nesses períodos. De acordo com Dilip Hiro, citado por Peter Braham “*in most white people’s minds dark skin is associated with dirt, poverty, low social status, low intelligence, animal sexuality, primitiveness, violence and a general inferiority*” (Hiro, 1973:20).

CAPÍTULO II- DIÁSPORA AFRICANA, PORTUGUESES NEGROS E RACISMO (NOS *MEDIA*)

2.1- Diáspora Africana- séculos XV-XX – segundo a perspectiva de José Tinhorão

A presença dos negros em Portugal remonta, pelo menos, ao século XV, como “*consequência social da política de expansão inaugurada pelos primeiros reis da dinastia de Avis*” (Tinhorão, 1988:15). Trazidos para a Península Ibérica na condição de escravos, os negros serviram como fornecedores de riqueza, devido ao ouro existente no continente africano, e como mão-de-obra escravizada. Quando os negros de *balaid-as-sudan*, além do Sahara, foram trazidos para o território e, conseqüentemente, através de um processo de observação e inferiorização, “*o povo passou a denominar o tipo de negro de pele mais escura como o nome da cor que por comparação lhe correspondia a linguagem comum, ou seja, preta. A partir de então, um negro cuja pele fosse tão escura que lembrasse a cor preta começou a ser chamado homem “preto” e logo, por economia, “preto” (...), para o povo em geral, o negro caracteristicamente africano passaria a ser sempre o “preto”*” (Tinhorão, 1988:72). Embora Tinhorão ilustre este processo como algo que partisse do povo, a animalização dos negros e a construção de um imaginário de inferioridade foi permitida por instituições fulcrais como a Igreja, pelas instituições políticas portuguesas e outros de impérios e pela ciência. O processo teve na sua génese uma dimensão religioso-política.

Os negros eram vistos como mercadorias e estavam à mercê de trocas comerciais. Assim como nos nossos dias, embora por diferentes razões, era difícil contabilizar o número exato de cativos negros presentes no território português, porque existiam escravos de várias origens. No entanto, “*nos começos do século XVI, pode-se afirmar que bastaram 10 anos para que esses «etiópios» e «guinéus» passassem a constituir a maioria absoluta dos cativos*” (Tinhorão, 1988:78).

No contexto socioeconómico do século XV e até ao século XIX, aos negros competia-lhes agir como uma máquina de produção. Na cidade, expostos à vida urbana, trabalhavam como prestadores de serviços ou produtores de artigos artesanais. De modo geral, a população negra realizava funções subalternas. Trabalhavam em obras públicas, serviços públicos municipais (remoção dos dejetos domiciliários pelas chamadas *negras de colhedeiras*), eram vendedores ambulantes e escravos no cultivo do campo (Tinhorão, 1988). Estas atividades aconteciam no contexto das grandes cidades e predominantemente em Lisboa, mas também noutros contextos.

Com o aumento da atividade de tráfico de escravos, após quatro séculos de presença em Portugal, os negros passaram a fazer parte do quadro geral da sociedade portuguesa. Nalgumas profissões desenvolveram-se especializações profissionais, como na crença religiosa, no teatro, nas diversões ligadas ao canto, dança e tourada, mas também, na função de intérprete junto dos povos africanos (Tinhorão, 1988). Esta última característica fazia dos negros um trunfo para a política de comércio e conquista de Portugal, usando-os como meio facilitador da sua tomada de poder no seio das terras onde chegavam.

Embora fizessem parte do quadro geral da sociedade portuguesa, havia uma clara separação entre os negros e o resto da população. Por um lado, este povo era colocado à margem do sistema jurídico, não lhes era considerada identidade própria, “*a condição de escravo, na realidade, excluía a existência de personalidade jurídica (cativo não era pessoa por direito, mas res coisa) e, em consequência, além de permanecerem à margem das relações sociais reguladas pelas leis comuns, os negros transformados na prática em trabalhadores não podiam participar na possibilidade de expressões concedidas a estes, entre as quais a coletivamente mais importante era a de associação profissional em torno das confrarias*” (Tinhorão, 1988:122). Por outro lado, enquanto negros livres/forros, podiam fazer parte dos corpos dirigentes, os cativos podiam participar, mas não acediam a tais cargos.

Com a permanência da população negra em Portugal a miscigenação era inevitável, originando os chamados “mulatos” ou mestiços. Estes filhos eram vistos, naquele contexto, como “*desprezíveis, eram almas prontas para todas as baixezas, elemento nocivo para qualquer sociedade*” (Tinhorão, 1988:364). Uma vez que a cor e a condição jurídico-social eram impedimentos para a união entre brancos e negros, quando se dava o nascimento de um herdeiro, normalmente fruto da relação, muitas vezes violenta, com uma escrava negra, a criança era enviada para um colégio religioso (Tinhorão, 1988).

Os negros mantiveram-se em Portugal na condição de escravos até 1836, após pressão abolicionista exercida pela Inglaterra que apelava para dignidade da pessoa humana, no entanto, só no ano de 1878 foi, finalmente, decretada o fim oficial da escravatura². “*Na década de 1850,*

² A abolição da escravatura foi um processo demorado. Em 1761 decretou-se a abolição parcial da escravatura por Marquês de Pombal. No entanto, esta lei referia-se apenas a Portugal e aos Algarves (na altura Portugal continental). A lei proibía o tráfico de escravos, mas a escravatura não era considerada ilegal

o marquês Sá da Bandeira decretou a abolição da escravatura em Portugal e estabeleceu um prazo de 20 anos para os libertados serem efetivamente livres” (Henriques, 2016:14). Com a independência do Brasil, em 1822, Conferência de Berlim, de 1884, e as guerras de pacificação, Portugal sofreu uma grande pressão para a ocupar/colonizar efetivamente os entrepostos comerciais que detinha na costa africana.

Os residentes das colónias africanas estiveram sob poder colonial da metrópole portuguesa até 1975, data da última declaração de independência. Após a descolonização, a população das ex-colónias viu Portugal como um país onde poderiam constituir uma vida, iniciando-se assim a mais antiga das migrações laborais para Portugal. Esta escolha deve-se sobretudo pela facilidade da língua, provocada pelo passado histórico, pelo facto de já terem família em Portugal, pelos acordos de cooperação entre empresas estabelecidas em Portugal e nas antigas colónias e porque esta população tinha conhecimento sobre o país e construíram um imaginário, vindo tentar alcançar um futuro melhor no território português.

A imigração da população oriunda dos países africanos de língua oficial portuguesa (PALOP) para Portugal intensifica logo após terem sido decretadas as independências dos ex-territórios portugueses em África (Machado, 2009). Esse período foi caracterizado pela chegada de cerca de quinhentos mil habitantes das antigas colónias, os chamados “retornados” (Vasconcelos, 2012). Estas pessoas eram, de acordo com Vasconcelos, “*colonos e quadros técnicos e administrativos brancos que tinham migrado para Angola e Moçambique, em grande número a partir os anos quarenta*”. Contudo, parte desses “retornados” eram pessoas negras e mestiças com laços familiares ou de proximidade com a população branca colona. Esta forte vaga de imigração na década de 80 originou a queda da homogeneidade étnica que caracterizava Portugal até àquela altura (Marques, 2004), embora já na década de 60 houvesse cabo-verdianos em Lisboa (Machado, 2009) e os cidadãos de etnia cigana fizessem parte do tecido social português há mais de 500 anos. Entre os anos de 1980 e 1990 surgiu “*uma nova fase do ciclo migratório,*

e as pessoas escravizadas não eram livres e os seus filhos, conseqüentemente, nasciam na condição de escravos. Em 1773, foi decretada a “lei do ventre livre”, assim, apesar de os pais continuarem escravos, as crianças não tinham o mesmo estatuto. No ano de 1869, Sá da Bandeira decretou a lei de 25 de fevereiro. Decretando assim a abolição prática da escravatura em toda a jurisdição portuguesa. O dia 29 de abril de 1878, consoante a lei anterior, seria o último dia para o estado de escravidão. Quando Portugal colonizou os territórios ultramarinos, a população era considerada inferior e primitiva. Para se alcançar a civilização o governo português decretou várias leis com o objetivo de nivelar a assimilação destes povos. Para se alcançar o estatuto de assimilado era necessário cumprir uma série de requisitos impostos através de um conjunto de diplomas que ditavam os deveres e direitos dos negros nas colónias portuguesas, intitulados Estatuto do Indígena. Estas leis vieram estratificar a população das colónias por camadas, os indígenas eram a base, os assimilados o intermédio e, no topo, os brancos. Para ser-se considerado um assimilado e ganhar direitos de cidadania, a pessoa tinha de ser alfabetizada, vestir-se como os europeus, assim como praticar os seus costumes e converter-se ao cristianismo. O primeiro diploma, de 1926, chamava-se *Estatuto Político, Social e Criminal dos Indígenas de Angola e Moçambique*. Em 1930, foi promulgado o *Ato Colonial*, em 1933, a *Carta Orgânica do Império Colonial Português e Reforma Administrativa Ultramarina* e, por fim, o *Estatuto dos Indígenas Portugueses das Províncias da Guiné, Angola e Moçambique*, aprovado por Decreto-lei de 20 de maio de 1954.

caracterizada por uma crescente tendência para a diversificação das nacionalidades presentes (...). Em 1990, o número total de estrangeiros legalmente residentes em Portugal era de 107.767, 42% dos quais de África, 29% da Europa e 16% da América do Sul” (Lages, et.al 2006:64). A entrada de africanos intensificou-se, aos imigrantes cabo-verdianos, maioritariamente trabalhadores da construção civil, que tinham a maior expressão em Portugal, juntaram-se os moçambicanos, os angolanos, os guineenses e a população oriunda de São Tomé, já no início dos anos 2000 (Pires, 2010). Quando estes imigrantes, chamados de ‘primeira geração’, constroem as suas vidas em Portugal, é pouco frequente considerarem regressar aos países de origem e muito menos para os seus filhos que foram nascidos e criados na sociedade portuguesa.

2.2- Portugueses negros do século XXI

O termo raça é construído por uma diversa variedade de forças sociais (Bhattacharyya, 2002:1). Começou a ser fortemente discutido e posto em causa, quando o mundo era dominado pelo imperialismo europeu, e serviu como meio de inferiorização da população colonizada em relação à demonstração do ministério da moral física e social dos colonizadores. Uma vez que a ‘branquitude’ e a Europa ocidental eram o centro do mundo e representavam o ideal de humanidade, às restantes etnias/raças cabia-lhes, por oposição, o lugar da barbárie e o apagamento da sua condição enquanto seres sociais e políticos. A separação efetuada entre os diferentes grupos é explicada simplesmente em termos de *status*, tratamento ou aparência. Pieterse relembra que muitas vezes, certas minorias foram comparadas ao imaginário de inferioridade conectada ao negro, *“like African and blacks, the Irish have been referred to as ‘savages’ and likened to ‘apes’, to ‘women’ and to ‘children’, just the Celts were often described as a ‘feminine’ race, by contrast with the ‘masculine’ Anglo-Saxons”* (Pieterse, 1995:25).

Portugal é um país de imigração, mas de acordo com dados estatísticos apenas 4,1% da população residente em Portugal, no ano de 2017, é estrangeira residente (Oliveira, 2018). Porém, existem membros das comunidades racializadas que são portugueses, logo, a análise destes indivíduos como imigrantes ou estrangeiros não se adequa de forma alguma, deixando-os fora do imaginário do que é a população portuguesa, mas excluindo-os também da condição de estrangeiros ou imigrantes, mesmo que por vezes sejam percecionados erroneamente. Os descendentes dos imigrantes africanos, denominados ‘imigrantes de segunda geração’, mesmo tendo sido nascidos em Portugal e sendo cidadãos portugueses, *“correspondem a um número relativamente alargado de indivíduos, sobretudo quando confrontado com o número de indivíduos pertencentes às ‘segundas gerações’ de migrantes de outras origens”* (Rosales,

2009:13). Os afrodescendentes apresentam um perfil diferente dos seus pais. Nasceram e cresceram em Portugal, concentrando-se na Área Metropolitana de Lisboa. Têm um percurso escolar mais longo que os seus progenitores e, nalguns casos, têm profissões menos desqualificadas (Rosales, 2009).

Sendo entendidos como “imigrantes de segunda geração”, os negros portugueses são muitas vezes excluídos do imaginário do “povo português”, que de alguma maneira está intrinsecamente conectado com a imagem de indivíduos brancos de ancestralidade portuguesa. Apesar da exclusão do pensamento dos negros como portugueses, estes últimos gostam de residir em Portugal e a ideia de viver no país dos seus progenitores apresenta-se distante, sendo que o sentimento de pertença, de portugalidade, é mais forte quando vivem em melhores condições de vida e possuem nacionalidade portuguesa. A nível cultural, estes jovens apresentam traços sincréticos no que toca à identidade (Rosales, 2009).

Segundo Baumann (2003), citado por Rosales (2009:16) “*as identidades culturais, independentemente da sua tendência para se reificarem, resultam da vontade e do poder humanos. No entanto, mesmo nas suas expressões mais individualizadas, elas resultam também de validações do passado e, nesse sentido, são criadas, recriadas e reificadas, através de uma multiplicidade de processos e estratégias, segundo os contextos sociais, os momentos históricos e as especificidades próprias do grupo em análise*”. Além desta construção individualista, a construção das identidades também é influenciada pela promoção de entidades como o estado, a política e instituições como os canais de televisão. Assim sendo, a identidade deixa de ser vista como fixa e rígida e passa a ser caracterizada pela sua fluidez, através da (re) construção identitária.

De acordo com Machado (2002) “*qualquer minoria tem sempre algum grau de diferenciação do ponto de vista dos lugares de classe dos seus membros (...), cuja análise é indispensável para se compreender a própria relevância que a etnicidade pode ou não assumir*” (Machado, 2002:39). Tendencialmente, a população dominante olha para a juventude migratória enquanto problema social e pressupõe-lhe uma incapacidade de adaptação. Estas características negativas são reforçadas pela ação dos *media*, pois “*o tratamento mediático dos descendentes de imigrantes africanos, em particular, faz com frequência generalizações abusivas a partir de situações reais de violência e criminalidade de carácter pontual e minoritário. Exemplo desta configuração é o rótulo de gangue aplicado indiscriminadamente a esses jovens*” (Pires, 2010:82), como foi o caso do “arrastão de Carcavelos”, situação em que os *media* descreveram uma situação pontual como sendo algo habitual e esperado de jovens “incivilizados” negros vindos de bairros desfavorecidos (Adringa, 2005). De acordo com Vala (1999) “*durante um programa de televisão emitido na altura acerca das novas marginalidades juvenis, o protótipo de delinquente que durante cerca de uma hora foi exibido ao país foi o de um jovem negro da margem sul. Tal exibição ocorria num contexto de não racismo manifesto*” (Vala, 1999:35). “Os

media, através das suas alegações e descrições dos factos contribuíram para uma imagem que os representa como violentos e criminosos. A verdade é que este estereótipo gera hostilidade e desconfiança na população portuguesa. Também deturpa a realidade, uma vez que esta determinada característica não se limita apenas aos jovens envolvidos, mas dissemina-se e enquanto traço caracterizante de todos os afrodescendentes” (Pires, 2010:58).

De acordo com Lages, o estereótipo facilita os indivíduos a compreenderem uma situação social, isto através da estrutura cognitiva. *“O estereótipo é, portanto, em certa medida, resultado de uma operação de simplificação e armazenamento de informação, sem a qual seria impossível lidar com a enorme quantidade de informação que nos chega a todo o momento”* (Lages, et.al 2006:37). Embora o autor exponha o estereótipo como apenas um resquício do passado que serve para organizar o mundo, é importante realçar que é principalmente ativo e ativado nas relações de poder, neste caso o poder da branquitude. Este processo *“envolve escolhas, conhecimentos, socialização, consciência de normas, nos quais se observam fatores culturais e pessoais de criação do estereótipo interessantes do ponto de vista da intervenção política e social”* (Lages, et.al, 2006: idem). Desta forma, os estereótipos estão baseados na formação de julgamentos acerca de grupos distintos, sendo que a determinados grupos caberão certas características previamente construídas com base num passado histórico e também político. Como mencionado anteriormente existe a ideia, ou seja, o estereótipo de associação entre os negros e a violência. Segundo Peter Braham, a década de 1960-1970 ficou marcada na Grã-Bretanha precisamente pela forma como os *media* usaram a raça como meio para dinamizar as vendas dos seus conteúdos, escrevendo, *“the extent to which the relations are painted in terms of conflict is illustrated by the kinds of headlines which are often used. It is only to be expected that headlines about race will be designed to dramatize events just as political disagreement are dramatized as «clashes», «storms» and «rows»”* (Braham, 1982:273).

O racismo foi estruturado de modo a reduzir, inferiorizar e descredibilizar as diversas esferas (social, económica, política, cultural) da estrutura de determinadas etnias/raças, perpetuando a segregação desses grupos e a compartimentação das culturas, como é o caso dos negros. Estas terminologias desenvolveram-se em contextos sociais marcados pela assimetria de poder, nos quais os membros detentores do poder cunharam termos para identificar e rotular grupos, consequentemente, categorizar indivíduos com características similares como membros desses grupos.

Jorge Vala descreve o racismo como *“uma configuração multidimensional, tendencialmente articulada, de crença e emoções negativas relativamente a um exogrupo, ou indivíduos membros de um exogrupo, categorizado e objetivado como um grupo ‘racial’ a partir da cor (...). Neste sentido, o racismo é entendido como uma manifestação do preconceito negativo relativamente a uma categoria social racializada”* (Vala, 1999:31-32). Mediaticamente, essa ação correspondeu ao apagamento da cultura negra, substituindo-a por imagens validadoras do

sistema racial dominante (Rhodes, 1995). As imagens transmitidas visavam construir a definição de raça da ideologia dominante, na qual não havia espaço para a disseminação da ideia das pessoas negras enquanto detentoras da sua própria cultura. A inferiorização, a segregação, o desprezo e a limitação dos espaços públicos onde pudessem ‘atuar’ conectam-se com conceito de racismo flagrante (Roel Meertens e Thomas F. Pettigrew, 1997), que corresponde à *“forma tradicional de racismo, podendo ser caracterizado como quente, próximo e direto”* (Vala, 1999:11). Nas sociedades abertamente racistas os negros só têm imagem e voz dentro de canais de comunicação criados por si. A sua informação nunca transcende a esfera de influência além da comunidade negra, como acontece, por exemplo, com os meios de comunicação étnicos. Por isso, estes *media* são importantes “na criação de espaços alternativos nos quais as minorias se possam sentir representadas como uma estratégia para o aumento de sentimentos de pertença dos grupos sociais em questão” (Fernandes, 2015:12). No seio dos estudos do racismo, surgiu a noção de racismo subtil. Esta última terminologia do racismo descreve *“manifestações mais difusas, ocultas, subteis, civilizadas e difíceis de identificar como manifestações racistas”* (Vala, 1999:1). Porém, não significa de facto que a discriminação e o preconceito não estejam interiorizados nessas sociedades. A simultânea existência do racismo subtil e da discriminação reflete que cada contexto social pode não representar o *Outro* de maneira homóloga, logo não existe apenas uma conceção e uma manifestação de racismo. O racismo flagrante e o racismo subtil são de natureza socio normativa, distanciam-se do plano cognitivo motivacional. Nas sociedades modernas, o preconceito é anti normativo, logo, pode imperar o racismo subtil onde a norma é a internalização do igualitarismo. No entanto, existem atitudes racistas que não são censuradas pela norma. Um exemplo desta situação é o caso da fraca representatividade nos lugares de liderança das minorias étnico-raciais residentes em Portugal e, conseqüentemente, dos negros. Outra forma de racismo subtil, uma vez que existe uma política de igualdade, mas de facto não é esse o panorama vivido, é o racismo institucional. A sociedade portuguesa está acorrentada às bases do racismo institucional, que *“atua de forma difusa no funcionamento quotidiano de instituições e organizações, provocando uma desigualdade na distribuição de serviços, benefícios e oportunidades aos diferentes segmentos da população do ponto de vista racial”* (López, 2010), sendo que existe uma preferência, neste caso, por profissionais brancos. Esta reflete-se negativamente nos cargos que os negros ocupam no meio televisivo.

Os efeitos de diferença entre negros portugueses e brancos portugueses são de natureza da cor, pois *“é sabido que os ‘negros’ em Portugal representam uma multiplicidade de situações jurídicas, de origens geográficas e nacionais, de pertenças comunitárias, etc., sendo ainda uns cidadãos portugueses e outros cidadãos estrangeiros. Contudo, este trabalho parte do pressuposto segundo o qual a representação dominante os dilui dentro da mesma categoria lata de pessoas cuja ascendência africana é identificável, remetendo para a categorização ‘negro’. A categoria do exogrupo com base na cor (fenótipo) será então aquela que mais automaticamente*

se torna saliente nos processos de comparação e discriminação” (Vala, 1999:40). Apesar de os residentes negros apresentarem juridicamente uma multiplicidade de estatutos é realizada uma homogeneização indiferenciada enquanto grupo baseando-se na tonalidade da pele. Este fenómeno acontece, pois, a categoria é apresentada como uma minoria e tem um estatuto social baixo (Deschamps, 1982).

2.3- (In) Visibilidade dos negros na TV: existência e repercussão

“Hoje, Portugal, já não é um país, visivelmente, homogeneamente étnico” (Mata, 2006:291). Os problemas dentro de uma sociedade serão sempre questionados e, por vezes, analisados, pelos indivíduos que de alguma forma são afetados direta ou indiretamente pelos mesmos. A interseção da problemática dos *media*, em geral, e da televisão em particular e a representação ou da existência dos afrodescendentes, nestes meios, é um assunto analisado ou discutido maioritariamente pelos afrodescendentes. Da mesma forma que autores como Cintra Torres (1998) debruçaram-se sobre a crítica do papel da televisão e as suas falhas, é necessário que outros pensadores questionem a situação da fraca visibilidade da diversidade étnico-racial na televisão portuguesa, pois, só assim, irão influenciar as atitudes perante a temática e consequentemente a concretização, desde o processo de conceptualização, dos programas (Torres, 1998). No fim da década de 1990, a televisão era *“a principal fonte de informação e adquiriu uma importância fundamental para a vida política e para a difusão de factos e ideias normativas do comportamento individual e social”* (Torres, 1998:16). Tornou-se normativo a consistente invisibilidade dos profissionais negros na televisão portuguesa. Estes indivíduos são sempre projetados como seres alheios a este meio. Segundo Andreia Semprini (1999), a rentabilização da diferença é um dos artifícios utilizados pelos mercados para transparecer a ideia de multiculturalismo do consumo. No entanto, nem este fator de encenação simbólica é capaz de posicionar os profissionais negros em posições de privilégios como o jornalismo ou a apresentação de programas. Em vez destas profissões, o papel dos afrodescendentes está a ser unicamente consumido no mercado da ficção, no qual, a população negra tendencialmente ocupa as mesmas posições, revelando-nos que as relações de poder e as posições dos diferentes grupos dentro dos espaços sociais não se altera (Mata, 2006).

A televisão contribui para a construção de uma visão na qual os canais são aparentemente separados racialmente. É sabido que os programas televisivos se destinam a um determinado público ou públicos. No entanto, a apreciação da audiência não tem valorização qualitativa. Segundo Eduardo Cintra Torres, *“as audiências são números de pessoas que estão em frente ao televisor em determinado momento. Não nos dizem se gostam ou não, se prefeririam outra coisa, se há aspetos que gostariam de ver melhorados, etc. Não estabelecem qualidade, ou as qualidades*

do programa. Mais ainda: as audiências induzem os programadores dos canais a agir no sentido que os números lhes apontem dando ao público mais do mesmo, repetindo formato: eis a razão por que a programação de TV é tão conservadora (no sentido de não renovar esquemas ou formatos com facilidade, mas também através dos modelos sociais (familiares, étnicos, económicos, etc.) que reproduz. Os estudos de audiência não permitem os programadores melhorar o produto ou inventar coisa nova, não favorecem a novidade, apenas a facilidade” (Torres, 1998:17). Será o tom de pele dos profissionais negros um fator negativo para as audiências portuguesas? Apesar de não se ter tido acesso a dados estatísticos que comprovem a correlação entre o sucesso de um programa e as características de fenótipo do apresentador, é possível relacionar a existência de modelos com o aumento ou existência de pensamentos e desejos de projeção nas imagens de exemplos nas mais variadas áreas (Virgínia Ungar, 2019), não sendo a televisão uma exceção.

A (in) visibilidade dos profissionais negros influencia a construção identitária dos jovens afrodescendentes que os assistem ou não assistem, assim como contribui para a manutenção do apagamento da imagem dos negros enquanto profissionais pertencentes à sociedade portuguesa, auxiliando, deste modo, a eliminação dos afrodescendentes do imaginário da população portuguesa branca, pela contaminação das mentalidades pela falta de imagens, por um lado, e pela existência de imagens tendenciosas, por outro. A presença de um jornalista negro não significa a existência de representatividade. O facto de muitos outros profissionais negros não estarem presentes na televisão também tem significado, expressa o silenciamento simbólico e revela a segregação dos profissionais dentro dos diferentes canais.

Ao longo desta investigação houve necessidade de saber exatamente qual é a percentagem de população negra a viver em Portugal e mais ainda, qual a percentagem de portugueses negros, com vista a perceber se a sub representatividade nos ecrãs seria um reflexo destes dois indicadores. Porém, devido à falta de dados estatísticos referentes à temática foi impossível retirar conclusões rigorosas.

Segundo Stuart Hall, em *Cultural Identity and Diaspora*, “*identity is not as transparent or unproblematic as we think. Perhaps instead of thinking of identity as an already accomplished fact, which the new cultural practices then represent, we should think, instead, of identity as a 'production', which is never complete, always in process, and always constituted within, not outside, representation*” (Hall, 1990:222). Hall refere que a identidade é construída por elementos que nos rodeiam e por interações com o exterior. A construção identitária das comunidades passa também pela construção ideológica de nação à qual subjazem certas construções culturais que cada “nação”, nasce num determinado acontecimento histórico e é composta por episódios autobiográficos e biográficos narrados que formam a conceção de identidade (de um país) (Anderson, 2012). A ideia de nação portuguesa é a idealização de quem é o português, e na prática revê-se através da relação de poder entre o *endogrupo*, os portugueses (brancos), e o *exogrupo*,

neste caso, os negros, exclui os afrodescendentes como parte integrante desta “comunidade imaginada” e não os projeta na televisão como parte de um mesmo corpo. No entanto, deveria transparecer a realidade assente nas heterogeneidades (Mata, 2006).

“*As relações raciais definem-se por quem controla quem, quem exclui quem, e quem se vê excluído*” (Henriques, 2016:24). Devido à relação de superioridade estabelecida entre os portugueses brancos e as pessoas negras, uma continuidade colonial, foi construída uma ideia de que as pessoas negras são inferiores, conceção prevalecente atualmente. Logo, é imperativo a demonstração de narrativas desconstruídas e descolonizadas, mostrando que estas pessoas também constituem a sociedade portuguesa e não são exclusivamente corpos pertencentes à RTP África, aos horários de menor audiência, ao desporto, à música e à dança. A maior visibilidade de profissionais negros falantes de português, não necessariamente portugueses, iria contribuir para a eliminação dos sentimentos inter-geracionais de domínio e não pertença das populações afrodescendentes em Portugal. Sentimento germinado não só pelos discursos institucionais e dos *media*, como é exemplo do uso de expressões como “de origem africana” em vez de afrodescendente/afro-português, enfatizando o facto de ser tratado e mostrado como *outro*, contrariamente ao caso do Brasil ou dos Estados Unidos. Os negros não deixam de ser brasileiros ou norte-americanos, nestas sociedades são empregues as denominações afro-brasileiros e *African-american*. Por um lado, os jovens afrodescendentes que nasceram em Portugal, identificam-se aqui no seu quotidiano e reconstróem a sua identidade, mas não são reconhecidas, tanto pelo discurso político como pelo discurso (visual e verbal) da comunicação social (Mata, 2006). Estes discursos reiteram uma posição de negação e *outridade* a estes cidadãos, que por vezes não são considerados portugueses devido aos países de origem dos progenitores. Por outro lado, as pessoas brancas são levadas a reforçar o imaginário da sua superioridade, de serem o símbolo da portugalidade e da civilização.

Os canais portugueses, generalistas e específicos, transmitem-nos uma perceção de sociedade construída na ideologia do colorismo. O termo cunhado por Alice Walker, em 1983, remete para o processo que privilegia pessoas de tom de pele claro em detrimento daquelas com uma tonalidade mais escura em áreas como a educação e o trabalho. É possível notar que o tratamento social dado aos indivíduos com o tom de pele mais escuro impossibilita ou dificulta a sua presença em posições de liderança ou de alta visibilidade como é o caso da televisão, ao mesmo tempo que contribui negativamente para a construção identitária dos jovens afrodescendentes, pois estes não são estimulados a pensar que poderão ocupar os lugares onde pessoas negras não estão presentes. Uma vez que na sociedade portuguesa existem raros casos de sucesso da população negra, estes jovens buscam exemplos, estilos de vida e ambicionam *ter e ser* como as personalidades negras do Brasil e dos Estados Unidos.

Estudos revelam que as audiências são extremamente influenciadas pelos meios de comunicação. A televisão apresenta-se como uma barreira quase impenetrável que apenas um

ínfimo número de pessoas consegue *furar*, os retratos apresentados por este meio influenciam negativamente a construção identitária dos jovens e das jovens afrodescendentes, das pessoas que não se enquadram na heteronormatividade, das pessoas com algum tipo de deficiência ou mesmo crenças religiosas diferentes da maioria, etc. Os jornalistas negros são sub-representados como *experts* no que se refere à análise de notícias no contexto dos canais portugueses, segundo as imagens dos canais privados, no que toca aos géneros de informação e entretenimento, os profissionais portugueses são apenas brancos, os negros aparecem no pano de fundo (Moore, 2011).

CAPÍTULO III- EXPOSIÇÃO DA METODOLOGIA

3.1- Problemática, objetivos e campo de pesquisa

A pergunta de pesquisa desta investigação é será que os media portugueses reproduzem as desigualdades étnico-raciais que atravessam a sociedade? Esta questão é essencialmente importante quando se pensa que Portugal, desde a década de 1960, acolheu um significativo número de imigrantes. Devido às relações coloniais, muitos imigrantes são de origem africana e negros. É, portanto, pensando na representação dos negros na televisão portuguesa que se pretende contabilizar e analisar os lugares ocupados por este grupo de indivíduos. Para além disso, analisar a perceção dos profissionais negros sobre os espaços ocupados pelos negros neste contexto. Entende-se por “negro” todas as “pessoas cuja ascendência africana é identificável” (Vala,1999:40). Esta categoria foi salientada, pois o fenótipo é um dos principais aspetos nos processos de comparação e discriminação entre endogrupo (os portugueses brancos) e exogrupo (os negros). Embora não seja objetivo desta pesquisa realizar uma distinção entre os negros com uma tez mais escura e aqueles com uma tez mais clara (que nos levaria ao debate sobre o colorismo) ou mesmo distinguindo o seu país de origem, ela não deixou de se colocar ao nível da auto-classificação dos entrevistados.

O veículo escolhido como objeto emissor de representação dos negros foi a televisão. É através da televisão, assim como nos outros meios de comunicação, que se espelha os valores e contravalores de uma sociedade, e igualmente se cria e se constrói uma imagem de representação coletiva e identidade nacional. Analisou-se programas de informação e entretenimento, excluindo a ficção. É de notar que, de modo geral, a presença de negros nos ecrãs portugueses é escassa, além de variar consoante o tipo de produto televisivo e o canal no qual este produto é transmitido. Os programas de informação foram escolhidos devido ao prestígio que a profissão de jornalista

ocupa no imaginário social, aliado ao facto de apenas profissionais de renome na área serem os escolhidos para estar em horário nobre. Os programas de entretenimento, como talk shows, foram selecionados pois ocupam horários de grande visibilidade na programação televisiva e as personalidades que os apresentam costumam ser alvo de muita atenção e identificação por parte do público.

O planeamento da pesquisa, assim como as opções metodológicas, decorreu de modo a chegar-se a dois objetivos. O primeiro, passa por fazer um mapeamento dos profissionais entre o período de 1992 e 2017. Este intervalo foi escolhido porque o ano de início de análise é marcado pelo surgimento das emissões de televisões privadas, a SIC (6 de outubro de 1992) e posteriormente a TVI (20 de fevereiro de 1993). O segundo objetivo, igualmente importante, é perceber através de entrevistas (anexo A), qual a ótica destes profissionais em relação à temática analisada. Para a realização da investigação, delineou-se um conjunto de questões que organiza a pesquisa: quem são os negros que tiveram a oportunidade de estar na televisão e, entre estes, que género de programas compete-lhes apresentar, traçando o perfil dos profissionais; que horários preenchem estes profissionais, identificando as práticas profissionais; como se caracterizam as experiências e perceções dos profissionais negros que trabalham em televisão; perceber se na ótica destes profissionais a televisão está a criar condições para que o negro faça parte do imaginário coletivo da nação portuguesa; ou, através dos conteúdos que reproduz, contribui para que eles continuem a ser vistos apenas como imigrantes e corpos alheios a este espaço.

Achou-se adequado explorar as diferentes experiências dos entrevistados, preocupando-se com as trajetórias que os conduziram a essa profissão, que obstáculos tiveram nas suas carreiras e deixá-los refletir sobre o futuro do lugar dos negros no ambiente televisivo, nomeadamente através da possibilidade da inserção de quotas para as minorias étnico-raciais nos media. A análise foi realizada através de uma abordagem mista. Por um lado, qualitativa, através da análise das entrevistas. Por outro, quantitativa, pela componente de mapeamento do número aproximado de profissionais negros na televisão. Uma das técnicas de investigação, denomina-se por análise de conteúdo, que pretende fazer uma descrição sistemática, objetiva e quantitativa de um manifesto de comunicação (Berelson, 1952). Com a realização da contagem dos profissionais negros pretende-se perceber os lugares, e respetivas hierarquias de prestígio, que estes ocupam (apresentadores, pivots, repórteres, comentadores, analistas, etc.) e os horários preenchidos por eles (manhã, *daytime*, acesso, *prime time*, *late night* e madrugada). De modo a obter os dados necessários para a elaboração desta investigação foi necessário definir o género do conteúdo televisivo a ser analisado. Para isto, primeiramente, definiu-se que seriam os programas de informação e de entretenimento, devido ao prestígio e influência que os apresentadores destes géneros televisivos detêm. Dentro da categoria de informação cabem subcategorias como: programas informativos, o telejornal ou programas dedicados à informação acerca de um tema específico, como a informação desportiva. No que diz respeito à categoria de entretenimento,

excluem-se os programas ligados à ficção, como os filmes, telenovelas ou séries, focando a atenção em apresentadores de programas como *talk shows*, *talent shows*, programas de cultura musical ou programas de *quiz*. De seguida, procedeu-se ao levantamento dos canais pertinentes para a pesquisa. Primeiro, seriam apenas os canais generalistas (RTP 1 e 2, SIC e TVI), o que após uma pequena pesquisa sentiu-se a necessidade de alargar a amostra, pois no processo das entrevistas e investigação foram surgindo outros profissionais que desempenharam funções noutros canais. Deste modo, passou-se a analisar os canais públicos e privados portugueses, assim como os canais por cabo: RTP (1,2, 3, Açores, Madeira, Memória, Internacional e África), SIC (Notícias, Mulher, Radical, Internacional e Caras), TVI (24, África e Internacional), CMTV e MTV Portugal, Canal Panda, Foxlife e 24 Kitchen.

3.2- Operacionalização da pesquisa: arquivo e entrevista

Para dar início ao mapeamento dos profissionais procedeu-se, primeiramente, ao envio de e-mails a cada grupo de comunicação solicitando, se possível, uma lista na qual constasse os nomes dos profissionais com as características pretendidas ou, caso não fosse possível, uma lista com os nomes de apresentadores/jornalistas de programas informativos e de entretenimento que tivessem sido emitidos entre 1992 e 2017. A primeira dificuldade encontrada neste pedido foi, no fim de 2017, a SIC ter respondido que não seria possível fornecer a informação solicitada, pois não fazia distinção entre os profissionais negros e os profissionais brancos. Posteriormente, em fevereiro de 2018, voltou-se a solicitar a mesma informação, mas ocultando o objetivo desta dissertação, contabilizar os profissionais negros e focando-se apenas nos jornalistas e apresentadores televisivos em geral. Perante este pedido, a SIC respondeu que não seria possível fornecer a informação, uma vez que os programas de entretenimento transmitidos pelos canais do Grupo Impresa são formatos comprados de outros países e, dar acesso às imagens, colocaria em causa os direitos das pessoas que detêm o formato original. Num terceiro momento, entre julho e agosto de 2018, entrou-se novamente em contacto com a empresa, porém, desta vez, frisou-se que este material de arquivo é o coração desta investigação, o responsável respondeu, mais uma vez, que não seria possível fornecer a informação pedida, pois o número de colaboradores disponíveis na empresa para pesquisar as grelhas de programação não é suficiente e este trabalho levaria demasiadas horas. Perante este entrave, contacta-se outro departamento do mesmo grupo, ao que respondem ser possível cederem as imagens. No entanto, a cedência dos conteúdos *“100% SIC, a nossa tabela de preços prevê um valor para fins educativos, no entanto o valor mínimo é de 35€ + IVA para conteúdos sequencias, de uma única fonte, até 30 minutos de duração. Quer-me parecer que para 25 anos de imagens (1992-2017) de todos os canais do Universo SIC, no final seria um valor mesmo muito elevado”*.

Os outros quatro canais encaminharam o pedido para os departamentos responsáveis por este tipo de informação ou alegaram não a possuir. Houve ainda canais que não responderam ao e-mail enviado, seis dos casos. Diante deste entrave, a procura por material expandiu-se, recorrendo-se a imagens no Arquivo da RTP para dar conta da existência dos profissionais. Porém, nem sempre se revelou o melhor meio, pois existem profissionais que trabalharam para a RTP, mas cujo nome não é reconhecido pelos motores de busca. Este é o caso da jornalista Edna Bragança Neto, que trabalhou na RTP África entre 1997 e 2004, de acordo com as suas redes sociais e também com os relatos de alguns dos entrevistados. De forma a ultrapassar essas fragilidades, procurou-se auxílio junto de associações como o SOS Racismo, para a obtenção de nomes de profissionais da área de televisão, no entanto, não se obteve resposta. Outro método, comumente designado “bola-de-neve”, passou pelo pedido aos profissionais contactados para sinalizarem outros colegas negros de profissão, tanto para entrevistar como para fazer o mapeamento. Este método foi um dos mais eficazes para conhecer profissionais que desempenharam funções durante a década de 1990.

Para além do contacto com os canais de televisão, procedeu-se à investigação através de revistas e jornais que têm grelhas de programação, como a TV Guia e o Correio da Manhã. Outra técnica de investigação que se demonstrou satisfatória foi a leitura de notícias sobre racismo e representação dos negros na sociedade portuguesa. *Sites* como o Correio da Manhã, o *Jornal* e blogs pessoais relacionados com o universo das personalidades afrodescendentes foram fontes para obtenção de informação, como se pode ver no anexo F.

As redes sociais, neste caso o *Facebook*, o *Instagram* e o *LinkedIn* também serviram de fontes para entrar em contacto com os jornalistas e apresentadores negros e recolher informação profissional acerca dos mesmos. Foi através das redes sociais que se conseguiu detalhar os canais e os programas apresentados pelas pessoas que trabalham para o público africano/afrodescendente. Sentiu-se grande dificuldade para construir o percurso profissional das pessoas que trabalharam apenas na RTP África, contrariamente àquelas que desempenharam funções nos canais privados como a SIC e a TVI. Sobre as últimas, existem várias páginas, nas quais é possível encontrar o percurso detalhado destas personalidades.

Quanto à estruturação das entrevistas, que são o material central desta dissertação, foi necessário seleccionar os nomes dos entrevistados tendo em conta o preenchimento das características pretendidas: profissionais negros da área de comunicação na televisão. Foram entrevistados 14 jornalistas e apresentadores que estão atualmente a trabalhar na televisão, dos quais quatro são de sexo masculino e dez do sexo feminino, e com idades compreendidas entre 24 e 51 anos. Uma vez que a existência de profissionais negros a desempenhar funções na televisão, como apresentador ou jornalista, não é atualmente muito expressiva e não se encontra contabilizada oficialmente, a seleção dos profissionais entrevistados foi fruto da disponibilidade dos potenciais entrevistados e da investigadora. Apesar da amostra não ser “estatisticamente”

representativa, estamos em crer que foram entrevistados a larga maioria dos profissionais negros no ativo e nas posições em análise.

As origens “étnico-nacionais” dos intervenientes mostram a heterogeneidade constituinte da ligação entre Portugal, país de residência de todos os entrevistados, e as ex-colónias africanas portuguesas. Embora a maioria, 99%, tenha nacionalidade portuguesa, os pais ou os próprios nasceram nalgum dos PALOP (Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa) – Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe, com exceção da Guiné Equatorial, na sua maioria constituídos por população negra. As datas de chegada em território português, coincidem, maioritariamente, com o período pós-independências, entre a década de 70 e início da década de 80 do século XX. É possível notar ainda que, do universo total dos entrevistados, sete nasceram em Portugal, seis desempenharam alguma função nos canais generalistas, sendo que os que nunca trabalharam nos canais generalistas desempenharam funções apenas na RTP África. A antiguidade de carreira dos profissionais vai de um a vinte e seis anos de exercício de funções na área da comunicação social. No que respeita às categorias de exercício no meio televisivo, a informação e o entretenimento foram os géneros selecionados. Dentro destas duas áreas de conteúdo, os entrevistados exercem funções em programas de informação, no qual se insere o debate, a informação diária, magazine e documentário, por sua vez, na categoria de entretenimento, os formatos nos quais os profissionais se inserem, correspondem ao talk-show, entretenimento infantil e tertúlia.

CAPÍTULO IV- PERCEÇÃO E EXPERIÊNCIA DOS PROFISSIONAIS NA TV: ANÁLISE DE RESULTADOS

4.1- Trajetórias dos profissionais negros e suas percepções sobre o racismo

Como frequentemente é observado, não é necessário ser formado na área de comunicação social ou jornalismo para de facto exercer a profissão. Os catorze profissionais entrevistados, apesar de trabalharem dentro do jornalismo televisivo ou programas de entretenimento, têm diferentes trajetórias académicas, nomeadamente direito; relações internacionais; teatro; sociologia, história contemporânea e estudos portugueses; línguas, literaturas e culturas e, comunicação cultura e tecnologias de informação; história; engenharia civil e engenharia de petróleos; jornalismo; apresentação e representação e comunicação social. Um elemento estrutural desses trajetórias, em que apenas existem três exceções, é o facto de os graus de formação terminarem no nível de licenciatura, apenas três entrevistados possuem o grau de mestre e, simultaneamente, uma é estudante de doutoramento.

Todos os entrevistados residem em concelhos da Área Metropolitana de Lisboa (AML), nomeadamente Lisboa, Barreiro, Azambuja, Odivelas, Sintra, Amadora e Oeiras. Sendo que, maioritariamente, é no concelho de Lisboa onde se concentram as sedes dos canais, assim como as produtoras com as quais estes profissionais trabalham. O contexto espacial vai influenciar as oportunidades e dinâmicas sociais dos entrevistados. A presente distribuição geográfica revela uma impossibilidade entre o exercício de uma profissão ligada à televisão e constituir residência em locais muito afastados deste ponto de influência. Assim como (Vasconcelos, 2012), a área metropolitana de Lisboa é o local de maior densidade de população afrodescendente em Portugal, pois é onde se concentra a maior oferta de trabalho, assim como foi a área onde se fixaram os imigrantes de primeira geração. Com a distribuição atual das cadeias televisivas e, observando a não presença de negros em canais como Porto Canal, RTP Madeira e RTP Açores, é possível dizer que possivelmente, residir fora da AML ser-lhes-ia muito mais difícil desempenhar funções neste sector.

Procurou-se saber (anexo A) se ao longo da carreira os profissionais já tinham desempenhado funções de direção nas empresas para as quais trabalham. Sete dos entrevistados responderam negativamente e sete afirmativamente. Existe um padrão de entre as pessoas que responderam que “sim”. Uma delas foi diretora de informação em Cabo Verde, outra é subdiretora da RTP África, outro foi produtor de cinema em Angola, ainda outro é diretor de informação num canal dirigido para Angola e Moçambique, Banda TV e diretor de produção da produtora Oásis Padrão, com conteúdos dirigido ao público lusófono de modo geral. Adicionalmente, uma outra entrevistada é diretora da sua própria produtora, uma é diretora e coordenadora de produção de conteúdos da sua marca pessoal, canal do Youtube e *site* acerca da cultura *pop* e finalmente, a resposta positiva que não corresponde ao padrão, uma última é diretora do Teatro Municipal Amélia Rey Colaço, nunca tendo desempenhado funções de direção no setor da comunicação social ou especificamente em televisão. A partir deste retrato é possível perceber que a ascensão na carreira destes profissionais tende a ser possibilitada quando a temática ou o público a quem se dirige remete à África lusófona, não existindo dentro deste universo um único caso no qual o público fosse exclusivamente a população residente em Portugal, o que abrangeria não só os afrodescendentes negros portugueses, mas sobretudo portugueses brancos. Esta desigualdade deve ser entendida como resultante de processos de racismo institucional/ estrutural, que permite unicamente que estes profissionais tenham cargos dirigentes nos denominados meios de comunicação étnicos, dinamizadores mediáticos, para as comunidades imigrantes. *“Abordar as representações disponíveis dos afrodescendentes negros nos media portugueses torna-se cada vez mais pertinente, uma vez que os meios de comunicação e as representações que estes fazem da realidade têm um papel importante na (trans)formação de identidades e de sentimentos de pertença”* (Fernandes, 2015:7). De acordo com Salim, os meios de comunicação étnicos também designados por *“media das comunidades imigrantes”* ou ainda *“media das comunidades*

minoritárias” são entendidos como “*os meios de comunicação desenvolvidos pelos imigrantes para os imigrantes*” (Salim, 2008:30). Esta terminologia pode não ser a melhor para se designar algumas particularidades dos casos mencionados acima. Por exemplo, o caso da RTP África. Embora exiba alguns programas como o “Bem-vindos”, que é apresentado por profissionais negros e oriundos de algum dos PALOP e cobre a atualidade de artistas e personalidades negras, falantes de português em Portugal, mais concretamente em Lisboa, no plano das tomadas de decisão não é dirigido por negros. Uma vez que nos *media* locais a representação e representatividade das comunidades minoritárias é pouco significativa, foi criado, em 2015, o áudio blogue Rádio Afrolis³, que pretendia “*oferecer às comunidades afrodescendentes um microfone para que as suas vozes se tornem audíveis, na esperança de contribuir para que elas exerçam o seu direito a comunicar*” (Fernandes, 2015:21), assim como promover a autoafirmação da população negra e envolver a comunidade. Os *media* étnicos visam “*criar espaços onde os imigrantes possam sentir-se representados através de iniciativas que lhes dizem diretamente respeito*” (Salim, 2008:31), definição que abre espaço para que os filhos de imigrantes negros sejam percebidos como imigrantes, visto que apenas neste tipo de meios de comunicação conseguem ver representado parte da sua cultura. No entanto, nem sempre têm acesso a estes conteúdos, pois só existem nos pacotes de televisão por cabo, como é o caso da RTP África.

Quanto à profissão dos pais e mães dos entrevistados, em oito dos casos, os progenitores têm profissões menos prestigiadas como pedreiro/empregado de construção civil ou doméstica e empregada de balcão. Contrariamente, há os casos em que os pais têm um nível de educação superior, como por exemplo economista ou engenheiro de geologia e minas ou, no caso das mães que desempenham funções como bancária e farmacêutica. Nos casos dos pais e mães com níveis de instrução mais baixos cabem-lhes as profissões nas quais trabalharam muitos imigrantes que chegaram em Portugal ao longo da década de oitenta, como pedreiro e mecânico e as mulheres maioritariamente trabalhavam nas limpezas, muitas vezes designadas como “domésticas” pelos entrevistados.

4.2- Perspetivas sobre as causas e formas de superação do racismo: perfis de posicionamento

No presente subcapítulo procede-se à análise qualitativa das entrevistas realizadas. As questões colocadas e respostas obtidas em entrevista conduziram-nos a diferentes dimensões de análise, sendo que duas delas foram particularmente importantes para construir uma tipologia onde se delimitaram perfis de experiência de racismo e perceções sobre como resolver as

³ Morada eletrónica do audioblogue Rádio AfroLis: <http://radioafrolis.com/>

desigualdades étnico-raciais. As entrevistas dão-nos informação sobre a percepção quanto a experiências de racismo; percepção sobre formas de resolver o problema; percepção e justificação da (in)visibilidade; percepção sobre o colorismo e a ocultação de traços afro (racismo estrutural, quotidiano, racismo incorporado); percepção acerca de outros profissionais negros na televisão; origens e trajetos sociais; práticas associativas e de participação cívica; e percepções sobre futuro das minorias étnico-raciais nos *media*.

A primeira dimensão analítica, que foi determinante para a construção da tipologia, refere-se à percepção sobre as experiências de racismo no trajeto de vida e no mundo dos *media*. Uma parte dos entrevistados revelou um posicionamento “*colour blind*” quanto a experiências de racismo, conseguindo identificar atos racistas, não dando importância e combatendo estas situações através de mobilidade individual, tanto a nível profissional como a nível académico. Outros reconheceram ter experienciado racismo, embora de formas distintas. Uns mencionam situações de racismo declarado ou flagrante, na qual alguém se manifestou publicamente contra a sua pessoa devido ao tom de pele (anti normativo). Outros referem situações de racismo difuso ou subtil, situações em que se sabe que se está em presença de atitudes racistas, mas que não se manifestam abertamente, não pondo em causa a norma antirracista. E ainda outros que referiram não ter sofrido.

Os exemplos seguintes servirão para exemplificar os posicionamentos dos entrevistados relativos às experiências de racismo. A primeira é a atitude de *blindness* quanto a tais experiências, em que duas entrevistadas demonstraram escolher não conceder importância e não notar a origem étnico-racial como causa das situações vivenciadas.

“Isso a mim não me incomoda em nada na minha vida, porque não me tira o sono, eu não perco tempo a pensar eu sou negra, eu sou preta e não vou ter trabalho e não vou ter o respeito dos outros... vou, vou, eu dou-me ao respeito, por isso o mínimo que exijo é o respeito de todos, toda a gente respeita-me, sendo preta ou não.” - Margarida Maia

O segundo conjunto de experiências insere-se dentro do racismo difuso, uma vez que os profissionais dizem não ter sido explicitamente discriminados. No entanto, o facto de terem ascendência negra influenciou a maneira como foram tratados.

“Quer dizer, estou sempre a levar com piadas que me cansam um bocado, por parte das pessoas que trabalham comigo. Acho que se faz disso muito tema e para mim já não é tema (por ser a única negra). «Deste-me uma palmada, vou ficar com uma negra. Ai, queres melhor negra do que esta? Também tenho uma negra». À parte disso.... Depois há comentários de velhinhas... «Ah não gosto de ouvir ninguém, dizem todos mal menos a senhora de África. Só gosto de ouvir a senhora de África.” - Diana Dias

No terceiro conjunto de afirmações compreendem as situações nas quais ficou explícito que o fenótipo dos profissionais era o fator diferenciador para ser-se aceite ou não no contexto de trabalho, sendo que, numa das situações de racismo declarado o local não se insere no contexto de televisão.

“No meu local de trabalho não foi fácil. Somos duas negras e uma delas é a senhora das limpezas. Houve a todos os níveis, tive de engolir muitos sapos. A mulher do meu administrador, que trabalha lá connosco, primeiro ela não me queria lá a trabalhar por ser preta. Foi assim que ela me disse. Porque o pai dela foi coronel em África. Ela vinha com conversas de que as pretas são boas para limpar a casa e cuidarem dos filhos, eu ouvi tudo isso. Isso terminou quando ela precisou de ler um email em inglês e ela não pesca um boi de inglês.” -Joana Magalhães

O quarto conjunto referente à percepção sobre experiências de racismo, faz alusão ao facto de os profissionais nunca terem experienciado situações de preconceito racial. É de salientar que onze dos entrevistados mencionaram não terem sido racialmente discriminados, porém, ao longo dos seus discursos dão a entender que situações de racismo difuso ou subtil aconteceram. É o caso da jornalista que expressa não ter sofrido racismo, mas acrescenta que isto acontece apenas a nível das pessoas dos cargos superiores, pois, o mesmo não sucede na relação entre pares, ou ainda, como no exemplo abaixo, em que primeiramente o apresentador diz que foi tratado como um figurante, provavelmente por ser negro. No entanto, quando é questionado acerca de experiências de racismo responde assertivamente que nunca foi vítima. Este fenómeno de negação poderá ser explicado como uma forma de fuga à vitimização que as pessoas negras por vezes são acusadas, assim como poderá ser analisado como uma manifestação da incorporação da norma “*colour blind*”.

“Como estava a dizer...Figurante, nunca fiz isso, mas quando cheguei a tal sítio já fui mais ou menos confundido com mais um ator para fazer figuração. Isso porquê? Porque, às vezes, esse é o tipo de personagens que nós temos. Quando disseram não, não, não, este não é um figurante, este é o ator principal da cena. A pessoa coçou a cabeça. Foi a situação mais estranha que já aconteceu nestes termos. Depois a pessoa olhou... Ó afinal... porquê? Porque a pessoa está habituada a ver atores negros numa posição menos importante.” – Sandro Santos

Na dimensão percepção sobre colorismo, intrinsecamente conectada ao racismo e ocultação de traços *afro*, a larga maioria dos entrevistados, dez pessoas, expressa que, na sua perspetiva, a tonalidade da pele não exerce influência na obtenção de emprego na TV, pois nunca lhes terá sido dito que por ser negro ou negra não poderiam ocupar determinados espaços. Houve ainda uma entrevistada que mencionou não ter sofrido bloqueio na progressão profissional, pois o público e as pessoas que a contratam não a percebem como negra, logo qualquer dificuldade que tenha surgido ao longo da sua carreira não foi por ser afrodescendente. Esta jornalista é vista automaticamente como portuguesa branca. Mas existe também o discurso oposto. Em conformidade com as afirmações de três entrevistadas, devido ao tom de pele mais escuro o profissional é percebido como alguém que só pode trabalhar na RTP África. Quanto mais claro o tom de pele melhor dirigir-se-ão à pessoa, o imaginário do negro não corresponde a alguém com sotaque português europeu, por conseguinte, gera-se situações de desconforto, pois dá-se o efeito de dissonância cognitiva, uma vez que não existe correspondência entre o imaginário

fabricado quando se mantém contacto telefónico, por exemplo, e o impacto quando se vê a pessoa pessoalmente.

O racismo não se expressa de forma clara, existem vários indicadores de repressão ou apagamento de expressão dos traços característicos dos afrodescendentes. O comportamento em relação à alteração ou repressão de traços *afro* é aparentemente inexistente nos homens e acontece, no caso das mulheres em que é mais assente, especialmente em forma de sugestão ou autoimposição, manifestação do racismo incorporado, para alteração do cabelo. Em relação ao sotaque, apenas um entrevistado não tem sotaque português europeu, sendo que imigrou para Portugal com 28 anos e trabalha atualmente para a RTP África. O cabelo das mulheres – encaracolado ou crespo - quando alterado, é normalmente para se assemelhar ao típico cabelo da mulher branca, liso, dando um “ar mais *clean*, mais limpinho”, de acordo com as declarações de uma das repórteres. Este processo de branqueamento é visto como uma ferramenta para alcançar o estatuto social detido pelas pessoas brancas. De acordo com as jornalistas e historiadoras norte-americanas Ayana Byrd e Lori Tharps, “*for white Americans, education and training made little difference if a person looked too African. Kinky hair, wide noses, and full lips translated to ignorant, uncivilized and infantile. Taking on as many Eurocentric attributes as possible was a goal for the well-dressed person of colour, man or woman (...). So, Blacks did what they could to emulate European standards of beauty, dress, and behavior*” (Byrd e Tharps, 2014:26). As profissionais que se estream na televisão portuguesa com o cabelo *afro*, no seu estado natural, dificilmente é-lhes solicitado a alteração deste traço, pois o cabelo apresenta-se como imagem de marca, uma afirmação da africanidade das mesmas, uma característica inconfundível destas pessoas, como é o caso de algumas profissionais encontradas no mapeamento, tal como se pode ver no anexo B.

Na segunda dimensão (perceção sobre formas de resolver o problema) cabem as subdimensões: políticas de representatividade, esforço e mérito e crença na evolução progressiva das mentalidades e das condições dos negros. As políticas de representatividade remetem para um entendimento do racismo como algo estrutural (estruturalismo) que vai para além dos esforços e, por vezes, ultrapassa as aptidões das pessoas, agindo de forma quase uniformizante para um grupo de indivíduos. Contrariamente, a visão meritocrática entende o racismo como mecanismo que pode ser superado pela soma de ações individuais (individualismo).

A questão da sub-representatividade da diversidade étnico-racial do tecido social português, nos ecrãs, é uma inquietação dos profissionais entrevistados, não só no que respeita à população negra, como também por outras comunidades existentes neste território que não se veem representadas. Uma forma de resolução da (in)visibilidade pode passar efetivamente pela implementação de políticas de representatividade, como o sistema de quotas nos *media*, ferramenta legal que obrigaria os canais de televisão a terem uma percentagem estipulada por lei de profissionais de comunidades racializadas. As declarações dos jornalistas e apresentadores,

quanto a esta questão, são distintas. Por um lado, os apoiantes de políticas de representatividade, com uma maior capacidade de transformação estrutural, pois acreditam na necessidade de intervenção por meio da lei, pois só assim haverá repercussões positivas no combate a desigualdades estruturais que penalizam as comunidades racializadas.

Por outro lado, os defensores de uma abordagem meritocrática, baseada no esforço e perseverança das comunidades racializadas, visto que as quotas não se adequam à sociedade portuguesa contrastando-a com as sociedades norte-americana e brasileira em que a percentagem de negros é conhecida e elevada (13% e 54%), adicionalmente, pelo facto de que as pessoas poderiam ser contratadas apenas pela sua origem étnico-racial, em detrimento da formação e qualidade do seu trabalho, assim como do talento; e crentes na evolução das mentalidades e das condições dos negros, sendo que a sociedade seria um lugar evoluído, onde não haveria necessidade de catalogar as pessoas consoante, por exemplo, a raça, sendo que a catalogação, pode, ser um obstáculo.

Na dimensão perceção e justificação da (in)visibilidade, estão compreendidas as questões: igualdade promovida pela tendência criada por um canal, igualdade meritocrática, desigualdade por *handicaps* dos próprios negros e desigualdade institucional e estrutural. Relativamente à primeira questão, (acha que as diversidades racial e étnica, em Portugal, estão representadas na televisão portuguesa? Porquê?) há uma clara divisão entre os profissionais. A grande maioria, doze pessoas, acredita que a diversidade étnico-racial não está espelhada na televisão portuguesa e apenas duas entrevistadas creem haver uma presença heterogénea de profissionais nos canais portugueses. Verifica-se que esta justificação otimista cabe dentro da subdimensão “igualdade pela tendência criada por um canal”, pois as duas referem a existência de conteúdos exibidos pela TVI, mas, de modo geral reconhecem haver invisibilidade étnico-racial nos *media*.

“Acho que de há três anos para cá a diversidade racial e étnica tem sido representada e muito bem representada nos canais portugueses, porque houve um canal, que é por acaso o canal para o qual eu trabalho, que é a TVI, que teve finalmente a coragem e a inteligência, acima de tudo, de perceber que havia uma lacuna muito grande no mercado. Ao identificar essa lacuna, rapidamente a preencheram e desde então o que eu vejo é uma tendência dos outros canais a seguirem a “tendência” que a TVI delineou.” – Rita Madeira

Apesar de duas profissionais terem mencionado conteúdos realizados pela TVI que deram visibilidade a pessoas de diferentes origens étnico-raciais, os entrevistados reconheceram unanimemente a existência de “desigualdade institucional e estrutural” e que essa seria a razão pela qual os negros não se encontram mais visíveis a desempenhar profissões em programas de informação e entretenimento televisivos, assim como noutras áreas. Os profissionais não veem refletida nos ecrãs, quer seja na televisão generalista, quer seja na televisão por cabo, com exceção da RTP África, a heterogeneidade étnico-racial observada em Portugal, principalmente na cidade

de Lisboa. Fazendo uma comparação entre os canais portugueses e a televisão francesa ou britânica, em que também existe uma grande comunidade imigrante, verifica-se maior presença de diversidade, fenómeno não observável em território português.

“Olhas para uma BBC, olhas para um canal público francês, mesmo nas antenas internacionais destes canais, os programas de notícias nestes canais, TV 5 ou algo do género, e vês muito mais presença negra de jornalistas, de apresentadores do que propriamente aquilo que acontece com Portugal, mas mais ainda (...) é também a presença de comentadores, de analistas. Ou seja, há toda uma relação com o diverso que é muito mais visível em canais ingleses ou francófonos, os franceses, do que aquilo que se vê, que se nota com Portugal.” - Alberto Rodrigues

As afirmações dos profissionais mostram que a integração da população negra, e possivelmente de indivíduos de outras etnias, nos canais portugueses é débil, pois, alguns entrevistados apontam, primeiramente as migrações em massa da população negra são historicamente recentes e essencialmente migrações em que os indivíduos desempenhavam atividades profissionais subordinadas. Adicionalmente, os migrantes negros que chegaram a Portugal não detinham um elevado nível de escolaridade e qualificação profissional quando comparados aos seus contemporâneos portugueses. Consequentemente, estas dimensões influenciaram os lugares onde esta população vivia, sendo que há uma forte expressividade de população negra em bairros degradados e bairros sociais. As condições socioeconómicas de partida dos imigrantes de primeira geração tiveram inegavelmente um impacto na condição dos categoricamente denominados *“imigrantes de segunda geração”* (Oliveira, 2018:105), sendo que os últimos experienciam uma dificuldade acrescida de ascensão social comparativamente à população portuguesa branca. Os profissionais negros reconhecidos fora da esfera que os conecta imediatamente ao universo da RTP África são personalidades que de alguma maneira são altamente mediáticas e a sua imagem, enquanto produto, é reconhecida pelo público português em geral e não apenas pelos afrodescendentes. Outra razão explicativa da (in)visibilidade de profissionais negros nos canais portugueses é o facto de as notícias acerca da atualidade africana não fazerem parte das escolhas editoriais na televisão, por sua vez, os comunicadores africanos também não cabem dentro destas escolhas. Maioritariamente, os negros apresentam programas ligados à África, em que a audiência é africana. A população portuguesa aparentemente parece não se identificar com a presença do corpo negro na televisão. Quando existe a não identificação com a personalidade e temática exibida o consumo televisivo diminui. As oportunidades dadas a estes profissionais são menores na área da comunicação. Para além do peso das razões anteriormente anunciadas, existe também um preconceito em relação aos negros portugueses, uma vez que existe uma preferência pelos portugueses brancos.

“Do lado da sociedade de acolhimento há um manto, aquilo que se chama racismo institucional. Há nos media, nos hospitais, nas empresas mais variadas. Há uma preferência convencionada como natural por se recrutar portugueses brancos, porque há um preconceito associado aos portugueses negros. Isso é um preconceito que tem centenas de anos e que para mim se cristaliza de alguma forma naquilo que é o

racismo institucional. Entre 2 candidatos ao mesmo emprego, ambos com boas relações acadêmicas e ambos bem preparados, o fator cor da pele acaba por ser significativo no recrutador nem que seja por ordem subjetiva, por proximidade e esse é um caminho que a sociedade portuguesa ainda não trilhou e não está a trilhar, porque continua a fazer um discurso de que não há racismo, de que o colonialismo português foi brando e foi amigo. Isso porque a sociedade portuguesa branca recusa-se a olhar para si de modo crítico.” -Daniel Oliveira

No contexto da televisão portuguesa, a presença de profissionais negros é diminuta, sendo que o padrão é precisamente de não existência de profissionais. Outra dimensão que se destacou foi a percepção acerca de outros profissionais negros na televisão. A esse propósito surgiram respostas que essa presença, quando acontece, é motivo de orgulho. Essa é aliás a posição mais frequente, embora, 4 entrevistados refiram não haver diferenciação entre aquele e outro profissional devido ao tom de pele. Outros ainda dizem que esses profissionais representam os negros na televisão, são modelos para os jovens que estão a ver e gostariam de ver mais.

“É um motivo de orgulho, é um motivo de orgulho saber que estamos a romper essas barreiras que hoje em dia com a evolução do homem já não fazia sentido ter as diferenças raciais como dificuldade para arranjar trabalho. As diferenças raciais já não deviam ser o problema, o problema devia ser a capacidade e qualidade no trabalho (...), mas quando vejo um negro a apresentar um programa ou a fazer uma novela é motivo de orgulho, e não é orgulho só dele... é orgulho na civilização. Começo a sentir-me orgulhoso da civilização, do Homem, porque está a cimentar e a elevar a sua humanidade em que todo mundo pode trabalhar em qualquer outro sítio.” – Sandro Santos

Por outro lado, houve profissionais manifestantes que o tom de pele dos apresentadores e jornalistas televisivos não é um fator distintivo.

“Não faço esse tipo de análise quando vejo um jornalista ou apresentador negro. Quando vejo isso acontecer eu não olho e digo “oh está ali um pretinho capaz ou aquela chocalatinho até tem boas ideias ou até tem sentido crítico ou até tem alguma cultura” É uma pessoa!” -Margarida Maia

Na sétima dimensão (práticas associativas e de intervenção) estão compreendidas as subdimensões envolvimento direto, envolvimento indireto e não envolvimento. A última dimensão (futuro das minorias étnico-raciais nos media) compreende as subdimensões: aumento a curto prazo; aumento a longo prazo e manutenção da situação atual.

No que toca a práticas associativistas e de intervenção, seis das pessoas entrevistadas estiveram diretamente envolvidas com ações e campanhas ligadas ao combate do racismo, questões convergentes com a interculturalidade, assim como questões das migrações, mais especificamente associações de países falantes de língua portuguesa. Três dos participantes envolveram-se indiretamente através da participação em eventos nos quais relataram a vivência em África, apresentação de um programa patrocinado pelo ACIDI e através de práticas associativistas individuais. Os restantes nunca estiveram envolvidos, no entanto, um deles mencionou que apoia e três que gostariam de juntar-se a alguma ação.

Finalmente, respeitante ao futuro das minorias étnico-raciais dos *media*, nenhum dos entrevistados crê que a situação se vá manter, o prognóstico é otimista e expressa possibilidade que o número de pessoas não-brancas aumente na televisão portuguesa. Porém, uns acreditam que será ainda a longo prazo para que a diversidade observada nos profissionais da televisão seja significativa, enquanto que outros, sem especificar em quanto tempo, acreditam que a mudança já esteve mais longe e que será a médio prazo.

Após a realização das 14 entrevistas, foi possível notar que, embora seja unânime o reconhecimento da existência de desigualdades étnico-raciais, há um contraste em relação ao entendimento sobre a maneira como estas desigualdades se manifestam. Alguns profissionais reconhecem-nas como sendo algo que se desenrola numa cadeia de acontecimentos tendo contornos a nível estrutural- racismo estrutural ou estruturalismo. Outros profissionais reconhecem experiências pessoais de racismo, mas não as associam a uma dimensão sistémica, estas experiências são analisadas como casos isolados. Além da discrepância quanto ao reconhecimento das experiências de racismo, estes profissionais apresentaram diferentes entendimentos sobre como é que o racismo funciona e pode ser superado. Desta forma, chegou-se a 4 perfis que descrevem a visão e experiência dos profissionais entrevistados: *conscientes*, *confiantes*, *negacionistas* e *meritocratas*. Os nomes dos profissionais foram alterados de maneira a preservar o anonimato dos mesmos.

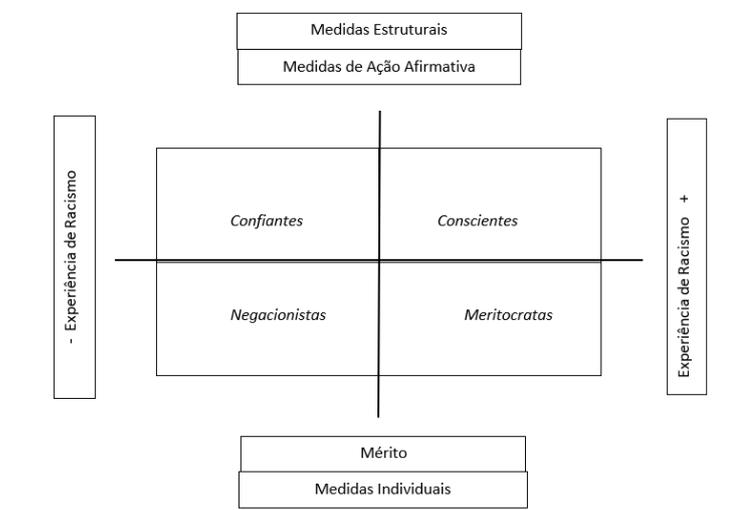


Figura 1-Perfis dos profissionais negros

Temos, assim, o perfil “*conscientes*”, no qual os profissionais reconhecem terem sido vítimas de racismo, tanto dentro como fora do contexto televisivo e acreditam que a falta de visibilidade das minorias étnico-raciais na televisão pode ser superada através de políticas de representatividade/medidas de ação afirmativa, uma vez que esta situação é influenciada pelo

estruturalismo. Dentro deste perfil enquadra-se Joana Magalhães, Carlos Roberto e Margarida Maia.

Os “*negacionistas*”, profissionais que declararam não terem sofrido qualquer episódio racista, quer a nível pessoal, quer a nível profissional e são contra a implementação de políticas de representatividade, acreditam na meritocracia. Para Patrícia Casaca, Márcia Miró, Constança Valente e Diana Dias, é possível “chegar-se onde se quer” com esforço.

Seguidamente, os “*meritocratas*”, grupo de jornalistas e apresentadores de televisão que, tendo apontado experiências de racismo, alguns do ponto de vista do racismo institucional e outros relatando episódios que aconteceram na vida quotidiana, declaram-se apoiantes do esforço e do mérito por parte dos futuros profissionais para colmatar a fraca diversidade étnico-racial presente nos canais portugueses. Os constituintes deste perfil são Daniel Oliveira, Fátima Domingues, Catarina Nascimento e Alberto Rodrigues.

E, por fim, os “*confiantes*”, conjunto de apresentadores de televisão que, alegando não ter sofrido racismo, veem as políticas de representatividade como meio para se alcançar mais diversidade étnico-racial na televisão. Rita Madeira, Filipa Barardo e Sandro Santos constituem este último perfil.

4.3- Identificação e justificação de tendências

Embora seja possível observar alguns pontos particulares nos quais os jornalistas e apresentadores afrodescendentes divergem, também é possível analisar a ocorrência de convergências entre as suas respostas através dos perfis. Apesar de todos os entrevistados auto classificarem-se como afrodescendentes/negros, as suas experiências na televisão são distintas, pois o período em que ingressam neste meio é diferente, os géneros de programas são heterogéneos e os canais onde trabalharam também.

A primeira questão prende-se pela divisão entre os entrevistados crentes na existência de igualdade criada por um canal de televisão e os que acreditam na persistência da desigualdade institucional e estrutural. Porém, todos reconhecem e apontam as desigualdades, assim como referem que o racismo existe, mostrando que não foi a primeira vez que se questionavam acerca desta temática. Este conjunto de profissionais é altamente escolarizado, distinguem-se entre os negros e os brancos portugueses, fazendo parte de uma classe média e ou classe média alta. Consequentemente, a maioria dos profissionais que não acredita na igualdade, com exceção de dois jornalistas, vê a presença de outros negros na televisão como um motivo de orgulho, visto que aqueles corpos têm o peso de representação da existência dos negros dentro da sociedade portuguesa enquanto indivíduos centrais e não apenas periféricos e confinados às profissões subalternas, gostariam de ver mais profissionais com características semelhantes às suas e, acham

que estes profissionais são modelos para os jovens telespectadores. Assim sendo, para eles, os *media* e a representatividade nos *media* apresentam-se como um canal de transformação da sociedade. Sendo que, para além da presença em televisão, alguns participam civicamente em projetos ligados aos afrodescendentes, o que nos leva a concluir que, embora haja em diferentes ângulos, são uma alavanca de pressão social. A diversidade ou diluição da homogeneidade racial existente na televisão portuguesa possibilita que os jovens negros possam rever-se naquelas posições, criando-se assim um imaginário de pertença àquele espaço que durante muito tempo pareceu inalcançável, mas, hoje em dia, apresenta-se ligeiramente menos distante, pela existência de pessoas com o fenótipo similar ao seu ao mesmo tempo que impacta a formação identitária da população branca, como referido no subcapítulo 2.3. A débil representatividade dos afrodescendentes em Portugal, na televisão, pode ser lida como uma forma de opressão, pois simbolicamente está a ser veiculado um discurso visual, no qual a população negra não se enquadra, não tem espaço, não tem poder e é discriminatoriamente representada. “*O poder simbólico é um poder de construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem gnosiológica: o sentido imediato do mundo (e em particular, do mundo social)*” (Bourdieu, 1989:9). Assim sendo, os possíveis jornalistas e apresentadores televisivos negros estão perante às produções simbólicas dos interesses dos grupos dominantes, o que contribui para uma cultura de desmobilização, seja este o objetivo ou não, esta cultura influencia a possibilidade de ascensão social de determinadas camadas sociais (Bourdieu, 1989). Os telespectadores, de forma generalizada, formam ideias, desejos ou projeções de que si mesmo perante as imagens que lhes são apresentadas.

A ideia de desmobilização e limitação pela falta de modelos é também estudada pela psicanalista Virgínia Ungar (2019) que se debruçou acerca da teoria *glass ceiling* (teto de vidro) tendo como ponto de partida a sociedade patriarcal. Esta teoria apresenta o teto como uma barreira, uma limitação para a mulher que não consegue alcançar as mesmas posições sociais e profissionais que o homem, uma vez que não só o homem vê e descreve a mulher como um ser diferente, mas também como inferior. Por parte da mulher, ela não imaginar-se-á em determinados espaços pelo facto de não conseguir observar seres semelhantes a si naqueles espaços e por ter incorporado a ideia de não pertença aos mesmos. É possível comparar o papel destinado à mulher com o papel que cabe aos negros na televisão, pois esta apresenta-se como uma barreira para as aspirações da população afrodescendente devido à falta de modelos e a precaridade dos modelos existentes. A invisibilidade de negros em profissões de prestígio como ser jornalista na televisão bloqueia os desejos e aspirações da audiência, assim como apaga do imaginário outras imagens para além dos estereótipos sobre as pessoas negras.

Referentemente às experiências de racismo, onze dos entrevistados mencionou não ter sofrido e apenas três profissionais foram vítimas deste tipo de discriminação, particularmente através do racismo declarado ou flagrante (Vala, 1999) embora dois dos profissionais de

informação tenham revelado que não foram vítimas de racismo declarado, entendem que são atingidos pelo racismo estrutural e institucional. Todas as vítimas de racismo, juntamente com outros três entrevistados, são a favor das políticas de representatividade, nomeadamente as quotas para as minorias étnicas nos *media*. Tendencialmente, os profissionais a favor das quotas, seis dos catorze entrevistados, têm idades entre os 24 e os 33 anos, trabalham na área do entretenimento e as suas carreiras têm menos de uma década, com a exceção de um jornalista de 50 anos, que exerce há três décadas, por fim, 50% esteve envolvido em práticas associativistas e de intervenção. Comparativamente aos indivíduos anteriormente descritos, sete entrevistados expressaram ser contra as quotas para as minorias étnicas nos *media*, uma vez que acreditam que é através do esforço e mérito que se deve ocupar uma posição profissional. Estes entrevistados têm idades entre os 37 e os 51 anos, desempenham funções na área da informação e têm entre 10 e 26 anos de carreira, com a exceção de uma profissional de 26 anos, que trabalha na área de entretenimento e exerce apenas há 1 ano. Logo, os mais novos tendem a trabalhar na área de entretenimento.

A maioria dos profissionais declarou não ter sido vítima de racismo, no contexto televisivo, expressando esta visão quando se refere aos chefes, nalguns casos às direções dos canais nos quais exerceram, por isso, adicionam também que o tom de pele não influenciou o facto de terem trabalho. Porém, quando relatam acerca das experiências com os pares, expressam uma vivência contrária. É possível notar que a inferiorização destes profissionais, baseada na origem étnico-racial, é realizada através de ações feitas por colegas de redação, por pessoas externas que os associam diretamente à RTP África ou a papéis normativamente destinados aos negros ou ainda por não existir uma compensação salarial para os profissionais negros igual aos colegas brancos com programas nos quais o nível de audiência é igualmente elevado. Outra característica a destacar é o facto de pelo menos 4 entrevistados terem referido que os profissionais de pele mais clara não podem ser considerados negros, pois acabam por não representar de facto a população negra portuguesa, uma vez que os seus tons de pele se aproximam mais dos brancos. Logo, os negros mais escuros permanecem ainda mais sub-representados.

4.4- A presença de profissionais negros na televisão portuguesa 1992-2017

O presente capítulo pretende revelar a análise exploratória realizada acerca da presença dos negros na televisão portuguesa e tem como objetivo analisar quais os programas feitos por estes profissionais, qual a função por eles desempenhada, o género televisivo, o canal no qual o programa foi transmitido, assim como o ano de transmissão. Tal como se pode observar no anexo D, entre os anos de 1992 e 2017 foi possível fazer-se o mapeamento de 36 profissionais negros, dos quais 8 trabalharam como jornalistas e 28 na condição de apresentadores, repórteres, cronistas

e comentadores televisivos. O principal género desempenhado pelos afrodescendentes é o entretenimento, como mostra o anexo E, género menos prestigiado que a informação. Durante o período de análise, trabalharam mais mulheres negras do que homens na televisão, o que influenciou também o número de profissionais entrevistados. No início da década de 1990 a existência de profissionais negros concentrava-se na área de informação, no que toca ao entretenimento a situação era praticamente nula, assim como se verificou até ao fim da mesma década. A situação alterou-se a partir da década de 2000, período no qual se observa mais profissionais de entretenimento.

A grelha de programação de um canal de televisão está organizada de modo a atrair o maior número de audiência possível disponível em cada horário. O sucesso de uma grelha é medido através dos indicadores *share* (nº de televisões ligadas num programa específico sobre o nº de televisões ligadas) e *rating* (nº de pessoas que está a ver um programa sobre o número total de universo de televisões). Verifica-se a seguinte disposição da grelha: Manhã (das 7 às 9 horas); *Daytime* (das 9 às 17); Acesso (das 18 às 20); *Prime Time* (das 20 às 24); *Late Night* (das 24 às 3 da manhã); Madrugada (das 3 às 6 da manhã). De entre os intervalos de horários, os que têm maior visibilidade são o Acesso e o *Prime Time*. No que diz respeito à representação dos profissionais negros por horário é importante notar a fraca visibilidade em horários nos quais se concentra maior audiência, o *prime time* e localizar a sua presença em períodos de horário com menor audiência, como *daytime* ou madrugada.

Tal como os entrevistados reconheceram quando lhes foi perguntado o que sentiam quando observavam a entrada de outro profissional negro no mundo dos *media*, a presença de profissionais negros tem uma dimensão social e política, uma vez que é uma rutura com a sua reduzida representatividade do ponto de vista numérico e do (des)prestígio. Como diria Sueli Carneiro (2018) a invisibilidade é um ato político. A intenção deste capítulo passa por analisar a evolução dos espaços ocupados pelos negros no contexto televisivo, no que toca ao género de entretenimento e informação, como se pode ver no anexo D. A descrição desta evolução ficou prejudicada pela fraca informação disponível acerca da temática, seja *online* ou mesmo entrando em contacto direto com os vários canais. A inexistência de trabalhos em Portugal sobre a temática e o levantamento dos números de profissionais negros que desempenharam funções na televisão portuguesa foram também obstáculos a considerar na amostragem da presente análise exploratória, assim como a precariedade de dados estatísticos inexistentes sobre a população negra e a situação profissional desta comunidade. Um dos objetivos desta análise passava por providenciar uma análise o mais completa possível, na qual constasse, para além das informações presentes, o formato do programa, a frequência do programa, a hora exata de transmissão e o ano de término do mesmo. No entanto, não foi possível devido à precariedade de informações disponíveis.

Tal como se pode observar com maior detalhe em anexo (C), alguns jornalistas aparecem em *prime time*, pois começaram as carreiras como repórteres e devido a esse fator, as suas peças tanto eram transmitidas no jornal televisivo da tarde, como no da noite. No período de análise desta dissertação, nunca houve um jornalista que fosse pivot dos canais privados em horário de *prime time* durante a semana. Neste horário, existe a jornalista Alberta Marques Fernandes, que trabalhou em horário nobre para a RTP 2, em 2003 e o jornalista José Mussuaili que desempenhou funções de *pivot* na TVI, durante os fins de semana, entre 1996 e 1997, em substituição de um colega. Após este ano, foi transferido para o mesmo formato, no entanto, em *daytime*. O mesmo movimento não acontece aos jornalistas que trabalham na RTP África. Este canal comporta no seu quadro de funcionários jornalistas negros e brancos, porém, todos profissionais ocupam o horário nobre da grelha de programação. Não obstante, uma análise mais detalhada à programação da RTP África, revela-nos que, apesar de o seu público alvo ser os afrodescendentes dos PALOP, não existem tantos profissionais negros residentes em Portugal como se poderia imaginar. Este fenómeno acontece, porque contrariamente ao que sucede com a programação deste canal que não é transmitido na RTP 1 ou noutros canais da televisão pública, durante grande parte do dia são transmitidos programas apresentados por profissionais brancos, que também fazem parte da grelha da RTP1, assim como o jornal da tarde e o telejornal são os do canal 1, pela existência de programas gravados nas delegações dos PALOP, como o Fórum África, e porque a programação acaba por ser muito repetitiva e os profissionais, por sua vez, também não se alteram.

No entretenimento, foi possível analisar que a maioria dos profissionais negros tem vindo a trabalhar como repórter nos mais variados horários ou como apresentador de substituição ou numa dinâmica de dupla de apresentadores. Um dos formatos mais importantes neste género é o *talk show*, que ocupa um grande peso na grelha da programação portuguesa. Neste formato é inexistente a presença de um apresentador negro que tivesse trabalhado a solo ou como *host* principal em todos os canais analisados.

Assim sendo, só estão presentes na televisão, os indivíduos com maior proximidade possível de Portugal. Aqueles com menos sotaque das línguas africanas, que adquiriram ou têm os hábitos dos portugueses. Este processo de “desafricanização” surge para uma melhor integração dos negros em lugares onde somente os brancos são aceites. No caso da televisão portuguesa, assistimos à centralização nos canais portugueses, onde parece, pela homogeneidade de profissionais apresentados, haver uma hierarquia étnico-racial, pois a população branca encontra-se nos programas e formatos de maior prestígio e a população negra está presente, mas fracamente representada, ocupando os horários de menor visibilidade. Embora Portugal seja considerado um “bom colonizador”, uma vez que persiste o mito luso tropicalista, que se tenha miscigenado com as populações escravizadas e posteriormente colonizadas (Tinhorão, 1988), são poucos os negros presentes nos canais portugueses e quando isso acontece está associado à não

manifestação das suas origens africanas. Estes profissionais falam o português de Portugal, maioritariamente nasceram, escolarizaram-se e cresceram em Portugal, vestem-se de modo ocidental, igual aos colegas brancos.

CONCLUSÕES

A presente investigação teve como mote a questão: “será que os *media* portugueses reproduzem as desigualdades étnico-raciais que atravessam a sociedade?” Para trabalhar esta questão e enfatizando a pesquisa nos profissionais de televisão negros, utilizou-se duas abordagens metodológicas: realização de entrevistas a jornalistas e apresentadores televisivos, que culminou com a diferenciação dos mesmos em quatro perfis - *conscientes, confiantes negacionistas e meritocratas* - e análise exploratória de conteúdo nos arquivos televisivos, com o recorte temporal 1992 a 2017.

Através das entrevistas realizadas, de janeiro a setembro de 2018, foi possível concluir, que os profissionais não veem os canais portugueses como meios nos quais é possível observar-se a diversidade étnico-racial presente na sociedade portuguesa. Ainda assim, a maioria diz não haver racismo na TV. Analisando a distribuição dos profissionais negros na televisão portuguesa e conseguindo sublinhar o estatuto dos lugares ocupados por este conjunto de profissionais, conclui-se que existe segregação nos canais portugueses, pois verifica-se um padrão de quase inexistência de corpos negros na televisão e quando existem são transmitidos em horários de menor visibilidade, em formatos repetidos e concentram-se esmagadoramente na RTP África e nunca como protagonistas principais. Contudo, é possível notar que a situação tem melhorado, como revela a evolução cronológica da análise de conteúdo. Este último canal, de acordo com a presente pesquisa, é o canal no qual se observa maior heterogeneidade para a população negra, ao mesmo tempo que confina os trabalhadores, pois trabalhar para este meio de comunicação não significa necessariamente trabalhar para o público português. Considerando que o público português não é apenas a população branca residente em Portugal, mas também a população afrodescendente e outros, o alcance e peso, em termos simbólicos e de estratégia empresarial detidos pela RTP África em Portugal, deixa os profissionais negros numa posição que é uma continuidade colonial. A situação de pertencer ao território português, mas de facto permanecer num grau de inferioridade quando comparado aos “brancos”.

A segregação pode ser vista como uma agenda política, não escrita e nem dita, mas que desmoraliza e desencoraja as comunidades minoritárias. Deste modo, permanecerá constantemente a ideia de *Outros*, de seres que apesar de estarem neste espaço não pertencem ao mesmo. A análise de conteúdo revela-nos que ao longo do período de investigação exploratória, 1992-2017 apenas 16 profissionais afrodescendentes trabalharam na televisão portuguesa, excluindo aqueles que trabalharam somente para a RTP África (20). Analisando as características destes profissionais é possível concluir que o colorismo está presente, a esmagadora maioria apesar de ser negra, detém uma tonalidade mais clara. Dificilmente se encontra profissionais

negros nestes canais que sejam negros mais escuros, principalmente na área de informação. Dentro deste género, só 2 correspondem a esta característica.

Perante este quadro, chega-se à conclusão da existência de um bloqueio de acesso, na área do entretenimento e da informação, dos profissionais afrodescendentes aos canais portugueses, principalmente aos canais privados. Existe uma separação entre os portugueses e as notícias sobre Portugal e os negros e as notícias sobre África. Em vez de incluir as notícias acerca de África, Portugal tem um canal dedicado à chamada África lusófona e os advogados, comentadores e apresentadores negros só são convidados para falarem acerca de temáticas africanas, como se não tivessem legitimidade para falar sobre a sociedade portuguesa. Deste modo, cria-se a perceção de que os negros não fazem parte da memória coletiva nem da realidade atual de Portugal. As narrativas exaltadas descrevem-nos como um corpo alheio, não lhe é reconhecido a legitimidade de ocupação do espaço na sociedade, neste caso em específico na televisão. A televisão desempenha um papel crucial na construção da identidade dos indivíduos. Atualmente, o discurso visual transmite-nos que a população portuguesa é apenas branca, que a ascensão social é permitida aos profissionais brancos e, conseqüentemente, o profissionalismo é uma qualidade daqueles que permanecem nos canais portugueses e nos horários de maior audiência. Adiante, existe outro facto comprovante do papel influenciador da televisão nas audiências e como a perceção sobre a diversidade étnico-racial foi construída através da televisão, a separação feita entre mestiços e negros por alguns dos profissionais, pois os seus traços aproximam-se mais do fenótipo branco. Desta forma, há o reforço da ideia de que o negro de tom escuro, continua praticamente apagado dos ecrãs tal como no passado, é a proximidade/semelhança ao grupo branco, isto é, são os indícios de assimilação, que pesam na contratação dos profissionais negros.

A legitimidade para afirmação da existência do racismo nos *media* portugueses, mais concretamente na televisão, está contida exatamente no facto de se observar uma quase marginalização dos indivíduos que representem a diversidade étnico-racial caracterizante da sociedade portuguesa. O ato do racismo, neste caso, não é explícito por palavras ou ofensas diretas a determinados membros residentes em Portugal, mas sim, de forma “subtil”, através de um pano de fundo quase totalmente branco e português que cobre a maioria dos canais televisivos, no fundo, uma forma de racismo institucional. Esta ação é concordante com a norma antirracista. Contudo, através da invisibilidade de profissionais pertencentes às minorias étnico-raciais é emitida uma mensagem simbólica de que não pertencem àquele espaço, excluindo-os mais uma vez pelas suas características fenotípicas. Baseando-se nos retratos apresentados pela televisão, os jovens afrodescendentes não conseguem identificar-se com aspetos de pertença dentro da sociedade portuguesa, assim como não se sentem capazes de ocupar espaços neste meio. Por estas razões, constrói-se uma dúvida acerca da sua competência e questiona-se o possível sucesso na

área. Por outro lado, esta ausência e segregação, reforça junto do público branco um sentido de superioridade e de hegemonia no quadro da identidade portuguesa.

Perante este sistema que se mostra quase impenetrável, os *media*, em específico a televisão, têm a responsabilidade na persistência do racismo, mesmo que subtil (Vala, 1999). Apoiando-se em critérios como as diferenças culturais para justificar a perpetuação de um discurso visual separatista, em que o negro parece ter espaço como imigrante, pertencente à RTP África ou sendo a exceção dentro de equipas inteiras formadas por pessoas brancas. O sistema que nos é apresentado pelos vários canais de televisão é o reflexo de um sistema que discrimina tendo como base a cor da pele. De que forma se repercute essa segregação baseada na raça apresentada na televisão? Portugal miscigenou-se com as populações encontradas nos territórios colonizados, porém, não é possível ver de forma significativa o fruto dessa mistura na televisão. Por um lado, o texto visual que nos é apresentado é o de um país que parece não ter tido conhecimento e contacto com outros grupos e, por outro, o de um país onde a diversidade étnico-racial não tem espaço nos canais portugueses, restando apenas a oportunidade de carreira em canais específicos e dirigidos para África, como é o caso da comunidade afrodescendente em Portugal.

A *desincorporação* de preconceitos étnico-raciais e outros não depende somente dos indivíduos, é necessário que os órgãos institucionais, administrativos e legais sejam acionados. Visto que a situação dos afrodescendentes e de outras minorias étnico-raciais é um problema estrutural, não afeta uma pessoa individualmente, mas condiciona uma parte significativa destas comunidades, crê-se que seja necessária a implementação de medidas de ação afirmativa para a construção de novos caminhos. Estas medidas, políticas públicas, de reconhecimento das diferenças, passariam pela implementação do sistema de quotas no ensino superior, neste caso específico dirigido às minorias étnicas, de modo a aumentar o número de pessoas racializadas nas universidades. *Quota* significa uma porção ou parte fixa determinada. Neste caso seria determinada pela lei portuguesa. A invisibilidade de profissionais negros e a falta de diversidade étnico-racial na televisão portuguesa está intrinsecamente relacionada, embora não se esgote aí, com o facto de existirem poucas pessoas pertencentes a estas comunidades no ensino superior. De acordo com o senador brasileiro Marco Maciel, citado pela filósofa Sueli Carneiro, “*o caminho da ascensão social, da igualdade jurídica, da participação pública – vale dizer, o fim da discriminação – terá de ser cimentado pela igualdade económica que, no nosso caso, implica o fim da discriminação dos salários, maiores oportunidades de emprego e participação na vida pública. Nesse sentido parece-me que o papel da educação será essencial*” (Carneiro, 2018:285). Por outro lado, seria também possível existir uma obrigatoriedade do canal público português, RTP, ter programas feitos por profissionais negros, alguns já existentes na RTP África que se adequam perfeitamente à RTP, e ao mesmo tempo, seria obrigada por lei a ter uma percentagem de trabalhadores das minorias étnico-raciais à frente das câmaras.

De acordo com o Observatório das Migrações, “*os media têm um impacto considerável na modulação da perceção e na geração de atitudes da população maioritária perante os migrantes e as minorias étnicas*”. Com a implementação do sistema de quotas para as minorias étnicas, da mesma forma que foi aprovada, em 2006 as quotas legislativas visando a promoção a equidade de género nos cargos de chefia e fiscalização (Lei da Paridade)⁴. Para além das quotas para as mulheres, existem também quotas de acesso ao ensino superior para grupos específicos. Segundo o Público, “*no ano letivo passado cerca de 30% dos alunos que entraram nas universidades portuguesas fizeram-no através de quotas, ou seja, vagas que foram guardadas para candidatos com determinados perfis, mostram dados do Relatório sobre o acesso ao ensino superior elaborado por um grupo de trabalho nomeado pelo Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior*”. A implementação de quotas, primeiramente permitiria que os profissionais pertencentes às minorias étnicas, desde que qualificados e com talento para determinados formatos, conseguissem ocupar um lugar nos ecrãs portugueses, sem ser na RTP África. Através da implementação desta lei, seria reconhecido pelo governo português a existência do desequilíbrio em termos de oportunidades de trabalho e representatividade destas comunidades nos *media*.

Segundamente, a presença de profissionais com diferentes origens étnico-raciais influenciaria positivamente a perceção da audiência residente em Portugal, moldando-se assim uma imagem acerca das minorias e destruindo certos preconceitos e estereótipos conectados às posições destinadas a estas populações.

Adicionalmente, para os jovens pertencentes às minorias étnico-raciais, assim como referido anteriormente, que geralmente não têm exemplos de imagens de sucesso com as quais se possam relacionar no âmbito do jornalismo e do entretenimento televisivo a nível português para espelharem um possível futuro, uma expectativa, um elo identificador, estes profissionais representariam um modelo a seguir e abririam portas para um universo que atualmente se apresenta distante e alheio. Para além destes fatores simbólicos na afirmação e construção identitárias destes jovens e da comunidade afrodescendente, existe a possibilidade de mobilidade na carreira e prospeção económica. O facto de existirem mais negros na televisão transforma esta comunidade num público alvo, aumentando a probabilidade de as pessoas negras puderem aceder a profissões e posições sociais que atualmente não é possível. Como acontece com a apresentadora Ana Sofia Martins que é a uma das caras promocionais da marca *Pantene*, o apresentador e locutor de rádio Fábio Lopes e da comentadora e locutora Yolanda Tati. Esta nova possibilidade aumentaria as probabilidades de ascensão social e económica, uma vez que estas pessoas negras

⁴ Que obriga que as listas de candidaturas apresentadas à Assembleia da República, ao Parlamento Europeu e aos órgãos eletivos das autarquias locais, bem como a vogal das juntas de freguesia deveriam conter pelo menos um terço dos candidatos de ambos os sexos e em junho de 2017 aprovação das quotas para as mulheres, nas empresas públicas e cotadas na bolsa.

estariam a fazer televisão para Portugal e seriam reconhecidas pelo público português e as marcas que trabalham para este público, deixaria de existir uma invisibilidade dos profissionais negros no mercado português e aumento do seu reconhecimento profissional.

Crê-se que os canais portugueses deveriam mostrar-se mais conscientes sobre esta problemática e tratar mais a temática das minorias étnico-raciais através de programas como o *Fronteiras XXI* ou *E Se Fosse Consigo?* apoiando o debate e dinamizando experiências sociais de modo a perceber a magnitude de certos estigmas em Portugal. A RTP e a RTP África deviam cobrir os eventos culturais realizados pelos afrodescendentes, como era realizado pela equipa do audioblogue Afrolis. Para futuras investigações, seria pertinente debruçarem-se sobre a evolução de como as jornalistas e apresentadoras de televisão usavam e usam o cabelo, visto que, durante esta pesquisa notou-se que no início da década de 1990 o padrão era desfrisar, usar perucas ou extensões de modo a alterar o cabelo e parecer-se com o padrão de beleza dominante europeu. Embora as profissionais dissessem que nunca sofreram nenhuma imposição. Enquanto que, atualmente, se observa uma nova tendência. Seria importante realizar-se uma investigação sobre a posição dos canais de televisão acerca desta temática, tendo como objetivo perceber, possivelmente, quais são os critérios de seleção dos profissionais. Além disso, poderia investigar-se também, no que toca à ficção, como os anúncios para *castings* limitam a existência de diversidade étnico-racial nas novelas, séries e filmes. Por fim, relativamente à democratização da internet, perceber o papel das redes sociais como meio no qual os jovens podem problematizar assuntos deixados de fora da agenda dos *media*, como o racismo. A democratização dos *media* seria verdadeira se se superasse a barreira da exclusão representativa.

BIBLIOGRAFIA

- ADORNO, Theodor (1951), *Minima Moralia*, Berlin, Suhrkamp
- ADORNO, Theodor (1954), "Television and the Patterns of Mass Culture", *Quarterly of Film, Radio and Television*, vol.8, pp 213-235
- ADRINGA, Dina, Bruno Cabra (2005) "Era uma vez o Arrastão". Consultado em 14.09.2019. Disponível em <https://archive.org/details/Eraumavezumarrasto>
- ANDERSON, Benedict (2012), *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a expansão do nacionalismo*, Lisboa, Edições 70
- BARDIN, Laurence (1977), *Análise de Conteúdo*, Lisboa, Edições 70
- BARTLETT, Frederic Charles, (1932), *Remembering. A Study in Experimental and Social Psychology*, London, Cambridge University Press
- BAUDRILLARD, Jean (1981), *Simulacres et simulations*, Paris, Galilée
- BAUMANN, Gerd (2003), *Contesting Culture. Discourses of Identity in Multi-Ethnic London*, Cambridge, Cambridge University Press
- BERELSON, Bernard (1952), *Content analysis in communication. Research*, New York, Univ. Press
- BERGER, Arthur (2016), *Media and Communication Research Methods: An Introduction to Qualitative and Quantitative Approaches*, Thousand Oaks, Sage Publications
- BHATTACHARYYA, Gargi, John Gabriel, Stephen Small (2002), *Race and Power*, London, Routledge
- BOURDIEU, Pierre (1989), *O poder simbólico*, Lisboa, DIFEL
- BOURDIEU, Pierre (1997), *Sobre a Televisão*, Oeiras, Celta Editora
- BRAHAM, Peter (1982), "How the Media Report Race" em Dines, Gail e Jean Humez, *Culture, Society and the Media*, New York, Routledge, pp.268-286
- CARNEIRO, Sueli (2018), *Escritos de uma vida*, Belo Horizonte (MG), Letramento
- COOPER, Eunice, Marie Jahoda. (1947), "The Evasion of Propaganda: How Prejudiced People Respond to Anti-Prejudice Propaganda", *Journal of Psychology*, vol.23, nº1, pp.15-25
- CUNHA, Isabel Ferin (2003), *A imigração e as minorias na imprensa e na televisão* (online), consultado em 17.01.2018. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/cunha-isabel-ferin-imigracao.pdf>
- DE FLEUR, Melvin (1970), *Theories of Mass Communication*, New York, McKay 2ª ed.
- DESCHAMPS, Jean Claude (1982), *Social Identity and relations of power between groups* (online), consultado em 26.06.2018. Disponível em https://www.researchgate.net/publication/303688540_Social_identity_and_relations_of_power_between_groups

- FERNANDES, Carla (2015), *Media étnicos, novas tecnologias e visibilidade dos afrodescendentes em Portugal: o caso do audioblogue Rádio AfroLis*, Trabalho de Projeto de Mestrado em Comunicação, Cultura e Tecnologias de Informação, Escola de Sociologia e Políticas Públicas, ISCTE
- HABERMAS, Jurgen (1991): “The public sphere” em Mukerji, Chandra, Michael Schudson (Ed.), *Rethinking popular culture. Contemporary perspectives in cultural studies*, Berkeley/Los Angeles: University of California Press. pp.398-404
- HALL, Stuart (1990) “Cultural identity and diaspora” em Rutherford, Jonathan, *Identity: community, culture, difference*, London: Lawrence & Wishart: 222-237.
- HALL, Stuart (1995), *The Whites of Their Eyes: Racist Ideologies and the Media* (online), consultado em 22.11.2018. Disponível em http://ieas.unideb.hu/admin/file_9698.pdf
- HALL, Stuart (2003), “Que “negro” é esse na cultura negra?” em HALL, Stuart. *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*, Belo Horizonte, Editora UFMG,
- HENRIQUES, Joana Gorjão, (2016), *Racismo em Português- O lado esquecido do colonialismo*, Lisboa, Tinta da China
- HENRIQUES, Joana Gorjão, (2018), *Racismo no País de Brancos Costumes*, Lisboa, Tinta da China
- HIRO, Dilip (1973), *Black British, White British*, Harmondsworth, Penguin
- HORKHEIMER, Max, Theodor Adorno (1947), *Dialectic of Enlightenment- Philosophical Fragments*, California, Stanford University Press
- HOVLAND, Carl, Arthur Lumsdaine, Fred Sheffield, (1949), *Experiments on Mass Communications*, Princeton University, Princeton
- KATZ, Elihu (1959), “Mass Communication Research and the Study of Popular Culture”, *Studies in Public Communication*, vol.2 pp.1-6
- KATZ, Elihu, Michael Gurevitch, Hadassah Hass (1973), “On the Use of Mass Media for Important Things”, *American Sociological Review*, 38, pp.164-181
- KLAPPER, Joseph (1963), *The Science of Human Communication*, New York, Basic Books
- KRIPPENDORFF, Klaus (1980), *Content Analysis- An Introduction to its Methodology*, California, Sage Publications
- LAGES, Mário F. et.al (2006), *Os imigrantes e a população portuguesa, Imagens Recíprocas- Análise de Duas Sondagens*, Lisboa, Alto Comissariado Para a Imigração e Minorias Étnicas (ACIME)
- LASSWELL, Harold (1948), “The Structure and Function of Communication in Society”, em Bryson L. (ed.), *The Communication of Ideas*, New York, Harper, pp.84-99
- LAZARFELD, Paul (1940), *Radio and the Printed Page. An Introduction to the Study of Radio and Its Role in the Communication of Ideas*, Duell, New York, Sloane and Pearce
- LAZARFELD, Paul, Robert Merton (1948), “Mass Communication, Popular Taste and Organized Social Action”, em Bryson L. (ed.), *The Communication of Ideas*, New York, Harper, pp.95-118

- LÓPEZ, Laura Cecília (2010), “O conceito de racismo institucional: aplicações no campo da saúde” (online), consultado em 26.06.2019. Disponível em https://www.scielo.org/scielo.php?pid=S141432832012000100010&script=sci_abstract&tlng=es
- MACHADO, Fernando Luís (2002), *Contrastes e continuidades: migração, etnicidade e integração dos guineenses em Portugal*, Oeiras, Celta Editora
- MACHADO, Fernando Luís, Cristina Roldão, Alexandre Silva (2011), *Vidas Plurais- Estratégias de Integração de Imigrantes Africanos em Portugal*, Lisboa, Fundação Aga Khan e Edições tinta-da-china
- MATA, Inocência (2006), “Estrangeiros em Permanência: A Negociação da identidade portuguesa na pós-colonialidade” em Manuela Ribeiro Sanches (org.), *Portugal não é um país pequeno- Contar o ‘império’ na pós colonialidade*, Lisboa, Edições Cotovia
- MCQUAIL, Denis (1975), *Communication*, London, Longman
- MCQUAIL, Denis (1983), *Mass Communication Theory. An Introduction*, Beverly Hills, Sage
- MEERTENS, Roel, Thomas Pettigrew (1997), “Is Subtle Prejudice Really Prejudice?”, *Public Opinion Quarterly*, Volume 61, Issue 1, May 1997, Pages 54–71. Consultado em 14.10.2019. Disponível em <https://doi.org/10.1086/297786>
- MOORE, Christopher (2011), “Media Representation and Impact on The Lives of Black Men and Boys” (online), consultado a 29.01.28. Disponível em <https://www.opportunityagenda.org/explore/resources-publications/social-science-literature-review>
- OLIVEIRA, Catarina Reis, Natália Gomes (2018), *Indicadores de Integração de Imigrantes – Relatório Estatístico Anual*, 1ª Edição, Lisboa, Alto Comissariado para as Migrações (ACM, IP)
- PIETERSE, Jan Nederveen (1995), “White Negroes” in (Dines & Humez), *Gender, Race and Class in Media* (1995), California, Sage Publications, pp.23-27
- PIRES, Rui Pena, Fernando Luís Machado, João Peixoto, Maria João Vaz, Filipa Pinho, Joana Azevedo, Catarina Sabino, Susana Chalante (2010), *Portugal: Atlas das Migrações Internacionais*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian
- RHODES, Jane (1995), *The Visibility of Race and Media History*, London, Sage Publications
- ROSALES, Marta Vilar, Vanessa Cantinho de Jesus, Susana Parra (2009), *Crescer Fora de Água? Expressividades, Posicionamentos e Negociações Identitárias de Jovens de Origem Africana na Região Metropolitana de Lisboa*, Lisboa, Alto Comissariado Para a Imigração e Diálogo Intercultural (ACIDI, I.P)
- SALIM, Isabela Câmara (2008), *Os meios de comunicação étnicos em Portugal: dinâmica organizacional dos media das comunidades de imigrantes*, Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural
- SEMPRINI, Andreia (1999), *Multiculturalismo*, S. Paulo: EDUSC
- SHOEMAKER, Pamela, Tim Vos (2009), *Gatekeeping Theory*, New York, Routledge
- SILVERSTONE, Roger (1999), *Why Study the Media?* Londres, Sage

SILVERSTONE, Roger (2005), “Porquê Estudar os Media? O 11 de Setembro e a ética da distância”, em Paquete, José Manuel, Gustavo Cardoso, *Comunicação, Cultura e Tecnologias da Informação*, Lisboa, Quimera

TINHORÃO, José Ramos (1988), *Os Negros em Portugal- Uma Presença Silenciosa*, Lisboa, Editorial Caminho

TORRES, Eduardo Cintra (1998), *Ler televisão: o exercício da crítica contra os lugares comuns*, Oeiras, Celta Editora

UNESCO (1978), “Declaration on Race and Racial Prejudice”, (online), consultado em 05.03.2018. Disponível em http://portal.unesco.org/en/ev.php-URL_ID=13161&URL_DO=DO_TOPIC&URL_SECTION=201.html

UNGAR, Virgínia (2019), “The Feminine in the current cultural context: From the glass slipper to the glass ceiling”, ISPA-Instituto Universitário, no dia 21 de janeiro de 2019, em Lisboa

VALA, Jorge (1999), *Novos Racismos: perspectivas compativas*, Oeiras, Celta Editora

VASCONCELOS, João (2012), “Africanos e Afrodescendentes no Portugal Contemporâneo: Redefinindo práticas, projetos e identidades” (online), consultado em 26.06.2019. Disponível em <https://journals.openedition.org/cea/627>

WALKER, Alice (1983), *In Search of Mothers' Garden: Womanist Prose*, New York, Houghton Mifflin Harcourt

WOLF, Mauro (1987), *Teorias da Comunicação*, Lisboa, Editorial Presença

WRIGHT, Charles (1960), “Functional Analysis and Mass Communication”, *Public Opinion Quarterly*, 24, pp.605-620

WRIGHT, Charles (1974) “Functional Analysis and Mass Communication Revisited”, em Blumler, Jay & Katz Elihu (Eds.), *The uses of mass communications* (pp. 197-212). Beverly Hills, Sage Publications

WRIGHT, Charles (1975), *Mass Communications: A Sociological Approach*, 2ªed., New York, Random House

ANEXOS

Anexo A- *Guião de entrevista*

Nome:

Idade/ Sexo:

Naturalidade/Nacionalidade

Área de formação:

1. Acha que as diversidades racial e étnica, em Portugal, estão representadas na televisão portuguesa? Porquê?
2. Conhece algum jornalista/apresentador de TV negro na televisão portuguesa? Quem?
3. Quando vê uma pessoa negra como jornalista/apresentador na televisão, que imagem crê passar sobre os negros?
4. Como foi a sua experiência de entrada para a televisão, em que contexto surgiu a primeira oportunidade de trabalhar em televisão?
5. Teve alguma dificuldade para estar no lugar onde trabalha que tenha que ver com “raça”?
6. Alguma vez mencionaram que não podia estar na posição que ocupa por ser negro?
7. Alguma vez mencionaram que teve mais ou menos oportunidades de trabalho por ter traços mais finos e a pele mais clara/ou por ter traços mais marcantes e a pele mais escura?
8. Teve de alterar ou reprimir algum traço que o/a caracterizasse como negro/a ou afrodescendente (traços da africanidade- cabelo, sotaque, roupas)?
9. Já sentiu se sentiu privilegiado(a) por ser homem/mulher e ocupar um cargo de destaque?
10. Acha que existe algum padrão de distribuição em relação aos profissionais negros na televisão por canais e/ou horários? Porquê?
11. Tendo em conta o estado atual da sociedade portuguesa, acha possível que o número de pessoas de outras raças/ etnias possa aumentar na televisão? Porquê?
12. Sente necessidade para a existência de quotas para as minorias étnicas nos media? Que implicações teria esta mudança?
13. Alguma vez esteve envolvido(a) nalgum tipo de companhia, associação ou coletivo em torno dos direitos de imigrantes e anti -racismo?

Anexo B- Identificação dos profissionais encontrados no mapeamento nos canais portugueses entre 1992-2017



Abílio Bragança Neto, RTP África



Alberta Marques Fernandes, RTP3



Carla Adão, RTP África



Cláudia Semedo, Canal Panda



Conceição Queiroz, TVI24



Flávia Brito



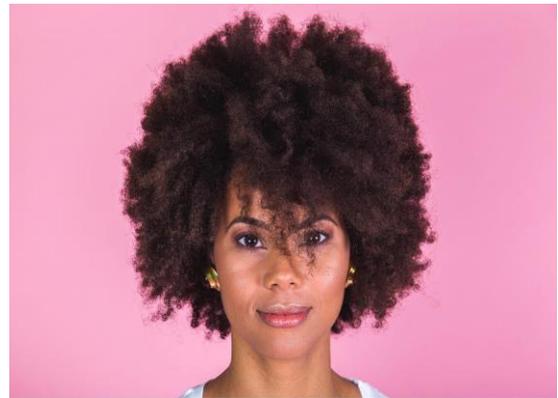
João do Rosário, *RTP África*



José Mussuaili, *Banda TV*



Kadidja Pinto Monteiro, *RTP África*



Maria Ramos



Sara Santos, *CMTV*



Sílvio Nascimento, *RTP África*



Daniel Nascimento, *Zap Viva*



Ana Sofia Martins, *TVI*



Cláudia Leal



Roselyn Silva



Maria João Silveira



Mariama Barbosa, *SIC Caras*



Fábio Lopes, *SIC Radical*



Patrícia Bull



Mwana Afrika, *RTP África*



Abigail Tiny Cosme, *RTP África*



Liliana dos Santos Silva Carim, *RTP África*



Tirsá Buta



Edna Bragança Neto



Luís Correia, *RTP África*



Neusa Sousa, *RTP África*



Maria Rafael



Viriato Pã



Izilda Mussuela, *RTP África*



Eliane Tchissola



José Luís Hopffer Almada, *RTP África*



Sheila Khan, *RTP África*



Paulo Pascoal, *RTP África*



Helka Guimarães



Alexandre Évora, *A Bola TV*

Anexo C- *Presença de profissionais negros na televisão portuguesa entre 1992-2017*

Identificação do profissional	Programa	Função	Género	Horário	Canal	Ano
Alberta Marques Fernandes	<i>Notícias</i>	Pivot	Informação	<i>Daytime</i>	SIC	1992
	<i>Último Jornal</i>	Pivot	Informação	Madrugada	SIC	Entre 1992 e 2001
	<i>Primeiro Jornal</i>	Pivot	Informação	<i>Daytime</i>	SIC	
	<i>Jornal da Noite (fim de semana)</i>	Pivot	Informação	<i>Prime Time</i>	SIC	
	<i>Bom dia Portugal</i>	Pivot	Informação	Madrugada	RTP	2002
	<i>Jornal 2</i>	Pivot	Informação	<i>Prime Time</i>	RTP 2	2003
	<i>Antena Aberta</i>	Pivot	Informação	<i>Daytime</i>	RTP Informação	2011
	<i>Jornal do Meio-dia</i>	Pivot	Informação	<i>Daytime</i>	RTP Informação	2011
<i>Justiça Cega?</i>	Moderação e Coordenação	Informação	<i>Daytime</i>	RTP Informação	2011	
<i>Noticiários da Tarde</i>	Pivot	Informação	<i>Daytime</i>	RTP 3	2016	
José Mussuali	<i>Portugal Português</i>	Repórter	Informação	<i>Daytime</i>	TVI	1993
	<i>Jornal das 8 (fim de semana)</i>	Pivot	Informação	<i>Prime Time</i>	TVI	1996
	<i>Jornal da Uma (fim de semana)</i>	Pivot	Informação	<i>Daytime</i>	TVI	1997

	<i>Enias</i>	Apresentador	Informação	Madrugada	SIC	2003
João do Rosário	<i>Notícias Diárias</i>	Repórter	Informação	<i>Daytime/Prime Time</i>	RTP1	2010
	<i>Repórter África</i>	Pivot	Informação	<i>Daytime/Acesso</i>	Canais internacionais da RTP	2013
	<i>Causa e Efeito</i>	Apresentador	Informação	<i>Prime Time</i>	RTP África	2017
Conceição Queiroz	<i>Caras Lindas</i>	Repórter	Entretenimento	<i>S. P</i>	TVI	1999
	<i>Repórter TVI</i>	Apresentadora	Informação	<i>Prime Time</i>	TVI	<i>S.I</i>
	<i>Diário da Manhã</i>	Pivot	Informação	Madrugada	TVI24	2015
	<i>Notícias 2</i>	Pivot	Informação	<i>Daytime/Acesso</i>	TVI 24	2015
Daniel Nascimento	<i>Noites Marcianas</i>	Comentador	Entretenimento	<i>Prime Time</i>	SIC	2001
	<i>Êxtase</i>	Repórter	Entretenimento	<i>S.I</i>	SIC	2005
	<i>SIC 10 Horas</i>	Tertuliano	Entretenimento	<i>Daytime</i>	SIC	2005
	<i>Caras Notícias</i>	Repórter	Informação	<i>S.I</i>	SIC Notícias	2003
	<i>Fátima</i>	Tertuliano e Repórter	Entretenimento	<i>Daytime</i>	SIC	2007
	<i>Fátima</i>	Apresentador (Substituto)	Entretenimento	<i>Daytime</i>	SIC	<i>S.I</i>
	<i>Gala dos Globos de Ouro</i>	Repórter	Entretenimento	<i>Prime Time</i>	SIC	<i>S.I</i>

⁵ S.I – sem informação. Designação surge para os casos em que não foi possível encontrar informação disponível

	<i>As Escolhas de Daniel Nascimento</i>	<i>S. I</i>	Entretenimento	<i>S.I</i>	SIC	<i>S I</i>
Ana Sofia Martins	<i>Vários programas</i>	Repórter	Entretenimento	Vários horários	MTV	2012
	<i>A Minha Vida Dava um Blog</i>	Apresentadora	Entretenimento	<i>Prime Time</i>	SIC Mulher	2014
	<i>A Tarde é Sua</i>	Apresentadora (Substituta)	Entretenimento	<i>Daytime</i>	TVI	2017
	<i>Desafia-te, Nunca Digas Nunca</i>	Coapresentadora	Entretenimento	<i>Daytime</i>	TVI	2017
Carla Adão	<i>Telejornal</i>	Repórter	Informação	<i>Prime Time</i>	RTP1	1997
	<i>Jornal RTP Timor</i>	Pivot	Informação	<i>Daytime/Acesso/ Late night</i>	RTP África	a 2017
	<i>Repórter África</i>	Pivot	Informação		RTP África	
	<i>África Global</i>	Pivot	Informação	<i>Daytime</i>	RTP África	
	<i>Fórum África</i>	Pivot	Informação	<i>Daytime</i>	RTP África	
	<i>Zoom África</i>	Pivot	Informação	<i>Daytime</i>	RTP África	
	<i>Catarina.com</i>	Repórter	Entretenimento	<i>S.I</i>	SIC	
Cláudia Semedo	<i>Mega Ciência</i>	Apresentadora	Entretenimento	<i>Prime Time</i>	SIC	2004
	<i>Playhouse Disney</i>	Apresentadora	Entretenimento (Infantil)	<i>Daytime</i>	Disney Channel	2003
	<i>Flash</i>	Repórter	Entretenimento	<i>S.I</i>	SIC	2003
	<i>Êxtase</i>	Repórter	Entretenimento	<i>S.I</i>	SIC	2003
	<i>As Noivas de Santo António</i>	Apresentadora	Entretenimento	<i>Daytime</i>	SIC	<i>S.I</i>

	<i>Contacto</i>	Apresentadora	Entretenimento	<i>Daytime</i>	SIC	2006
	<i>Desafio Verde</i>	Apresentadora	Entretenimento	<i>Acesso</i>	RTP2	2009
	<i>Nós</i>	Apresentadora	Entretenimento	<i>Daytime</i>	RTP	2010
	<i>Prova dos 3</i>	Apresentadora	Entretenimento	<i>S.I</i>	RTP	2010
	<i>5 Dias 5 Causas</i>	Apresentadora	Entretenimento	<i>Acesso</i>	RTP	2012
	<i>Portugal No Coração</i>	Apresentadora	Entretenimento	<i>Daytime</i>	RTP	2014
	<i>Química das Coisa</i>	Apresentadora	Entretenimento	<i>Daytime</i>	RTP/ SIC K	2011/2015
	<i>Gala Prémios Sophia 2015</i>	Apresentadora	Entretenimento	<i>Prime Time</i>	RTP2	2015
	<i>Notícias do Meu País</i>	Apresentadora	Entretenimento	<i>Prime Time</i>	RTP	2016
	<i>Guerra dos Pratos</i>	Apresentadora	Entretenimento	<i>Daytime/ Prime Time</i>	Fox life	2014
	<i>Código Panda</i>	Apresentadora	Entretenimento	<i>Daytime/ Prime Time</i>	Panda	2016
	<i>Portugueses Pelo Mundo</i>	Apresentadora	Entretenimento	<i>Prime Time</i>	RTP1	2016
	Roselyn Silva	<i>Está na Moda</i>	Apresentadora	Entretenimento	<i>S. I</i>	SIC Internacional África
Maria João Silveira	<i>Euroritmias</i>	Apresentadora	Entretenimento	<i>Daytime</i>	RTP2	1992
	<i>Vários Programas Informativos</i>	Pivot	Informação	<i>Vários Horários</i>	África RTP	1997
	<i>Jogos Sem Fronteira</i>	Apresentadora	Entretenimento	<i>Prime Time</i>	RTP1	1998
	<i>Portugal no Coração</i>	Co-apresentadora	Entretenimento	<i>Daytime</i>	RTP1	2003

	<i>Gala 510 Anos da Santa Casa da Misericórdia</i>	Apresentadora	Entretenimento	<i>S.I</i>	RTP	<i>S.I</i>
	<i>Gala Mais Portugal Cabo Verde</i>	Apresentadora	Entretenimento	<i>Prime Time</i>	RTP África	2010
	<i>Notícias 19</i>	Pivot	Informação	Acesso	RTP N	2011
	<i>Repórter África</i>	Pivot	Informação	Acesso	RTP África	2013
Maria Ramos	<i>Bem-Vindos</i>	Repórter	Entretenimento	<i>Daytime</i>	RTP África	2015
Mariama Barbosa	<i>Tesouros e Tesouras</i>	Apresentadora	Entretenimento	Acesso	SIC Caras	2016
Fábio Lopes	<i>WTF Appy Hour</i>	Apresentador	Entretenimento	<i>Daytime</i>	+TVI	2014
	<i>Conversas ao Sul</i>	Repórter	Entretenimento	<i>Prime Time</i>	RTP África	2016
	<i>CC All Star</i>	Apresentador	Entretenimento	<i>Daytime</i>	SIC Radical	2017
Flávia Brito	<i>Bem-Vindos</i>	Repórter	Entretenimento	<i>Daytime</i>	RTP África	2015
Sílvio Nascimento	<i>Bem-Vindos</i>	Apresentador	Entretenimento	<i>Daytime</i>	RTP África	2017
Patrícia Bull	<i>Danza Café</i>	Co-Apresentadora	Entretenimento	<i>Prime Time</i>	RTP	2001
	<i>Curto Circuito</i>	Apresentadora	Entretenimento	Acesso	SIC Radial	2001
	<i>Eco EDP</i>	Apresentadora	Entretenimento	<i>S.I</i>	SIC	2009
	<i>PitStop</i>	Co-Apresentadora	Entretenimento	Acesso	RTP Informação	2014
	<i>3 Por Uma</i>	Co-Apresentadora	Entretenimento	<i>Prime Time</i>	RTP Internacional	2013

Mwana Afrika	<i>Bem-Vindos</i>	Repórter	Entretenimento	<i>Daytime</i>	RTP África	2015
Abigail Tiny Cosme	<i>Viva Saúde</i>	Apresentadora	Informação	<i>Daytime</i>	RTP África	2015
Liliana dos Santos Silva Carim	<i>Pérolas do Oceano</i>	Apresentadora	Entretenimento	<i>Prime Time</i>	RTP África	2015
Tirsa Buta	<i>Bem-vindos</i>	Repórter	Entretenimento	<i>Daytime</i>	RTP África	2014
Edna Bragança Neto	<i>Repórter Pivot</i>	<i>S. I</i> <i>S. I</i>	Informação	<i>S. I</i> <i>S. I</i>	RTP África	1997 a 2004
Luís Correia	<i>Bem-vindos</i>	Repórter	Entretenimento	<i>Daytime</i>	RTP África	2017
Neusa Sousa	<i>Bem-Vindos</i>	Repórter	Entretenimento	<i>Daytime</i>	RTP África	2017
Maria Rafael	<i>Bem-Vindos</i>	Cronista	Entretenimento	<i>Daytime</i>	RTP África	2016
Viriato Pã	<i>Prato do Dia</i>	Apresentador	Entretenimento	<i>Prime Time</i>	24Kitchen	2012
	<i>Chef África</i>	Apresentador	Entretenimento	<i>Daytime/ Acesso</i>	RTP África	2016
Kadidja Pinto Monteiro	<i>Pérolas do Oceano</i>	Apresentadora	Entretenimento	<i>Prime Time</i>	RTP África	2008
	<i>Nós</i>	Co-Apresentadora	Entretenimento	<i>Daytime</i>	RTP 2	2010
	<i>Sou Capaz</i>	Apresentadora	Informação	<i>Prime Time</i>	RTP África	2010
Sara Santos	<i>Manhã CM</i>	Repórter	Entretenimento	<i>Daytime</i>	CM TV	2017
	<i>Flash Vidas</i>	Repórter	Entretenimento	<i>Daytime</i>	CM TV	2017
Izilda Mussuela	<i>Disco África</i>	Co-Apresentadora	Entretenimento	<i>Madrugada / Daytime</i>	RTP África	2011
Eliane Tchissola	<i>Love on Top (Extra) 4</i>	Comentadora	Entretenimento	<i>Prime Time</i>	TVI	2017
	<i>Love on Top (Extra) 5</i>	Comentadora	Entretenimento	<i>Prime Time</i>	TVI	2017

	<i>Love on Top (Extra) 6</i>	Comentadora	Entretenimento	<i>Prime Time</i>	TVI	2017
	<i>Super Quiz</i>	Apresentadora	Entretenimento	<i>Late Night</i>	TVI	2017
Abílio Neto	<i>Debate Africano</i>	Analista Político	Informação	<i>Prime Time</i>	RTP África	2015
	<i>Bem-Vindos</i>	Cronista	Entretenimento	<i>Daytime</i>	RTP África	2016
José Luís Hopffer Almada	<i>Debate Africano</i>	Analista Político	Informação	<i>Prime Time</i>	RTP África	2015
Sheila Khan	<i>Debate Africano</i>	Analista Política	Informação	<i>Prime Time</i>	RTP África	2015
Paulo Pascoal	<i>Bem-Vindos</i>	Cronista	Entretenimento	<i>Daytime</i>	RTP África	2016
Helka Guimarães	<i>Bem-Vindos</i>	Apresentadora	Entretenimento	<i>Daytime</i>	RTP África	2012
Alexandre Évora	<i>Disney Kids</i>	Apresentador	Entretenimento	Manhã	SIC	2001
	<i>TVI Jornal</i>	Pivot	Informação	<i>Daytime</i>	TVI 24	2009
	<i>A Bola</i>	Pivot	Informação	Vários horários	A Bola TV	2011
Cláudia Leal	<i>Bem-Vindos</i>	Apresentadora	Entretenimento	<i>Daytime</i>	RTP África	2012

Anexo D- Evolução da presença negra nos canais portugueses entre 1992-2017

Ano	Programas	Canal	Profissionais	Nº de <i>Prime Time</i>
1992	<i>Notícias SIC</i> <i>Primeiro Jornal</i> <i>Último Jornal</i> <i>Jornal da Noite (fim de semana)</i> <i>Euroritmias</i>	SIC RTP2	Alberta Marques Fernandes Maria João Silveira	1
1993	<i>Primeiro Jornal</i> <i>Último Jornal</i> <i>Jornal da Noite (fim de semana)</i> <i>Portugal Português</i>	SIC TVI	Alberta Marques Fernandes José Mussuaili	1
1994	<i>Primeiro Jornal</i> <i>Último Jornal</i> <i>Jornal da Noite (fim de semana)</i>	SIC TVI	Alberta Marques Fernandes José Mussuaili	1

	<i>Portugal Português</i>			
1995	<i>Primeiro Jornal Último Jornal Jornal da Noite (fim de semana)</i>	SIC	Alberta Marques Fernandes	1
1996	<i>Primeiro Jornal Último Jornal Jornal da Noite (fim de semana) Jornal das 8 (Fim de Semana)</i>	SIC TVI	Alberta Marques Fernandes José Mussuaili	2
1997	<i>Primeiro Jornal Último Jornal Jornal da Noite (Fim de semana) Jornal da Uma (Fim de semana) Telejornal Jornal RTP Timor Repórter África África Global Fórum África Zoom África</i>	SIC TVI RTP1 RTP África	Alberta Marques Fernandes José Mussuaili Carla Adão Maria João Silveira Edna Bragança Neto	2
1998	<i>Primeiro Jornal Último Jornal Jornal da Noite (Fim de semana) Jornal da Uma (Fim de semana) Repórter África África Global Fórum África Zoom África Jogos Sem Fronteiras</i>	SIC TVI RTP África RTP	Alberta Marques Fernandes José Mussuaili Carla Adão Edna Bragança Neto Maria João Silveira	2
1999	<i>Primeiro Jornal Último Jornal Jornal da Noite (Fim de semana) Caras Lindas Repórter África África Global Fórum África Zoom África</i>	SIC TVI RTP África	Alberta Marques Fernandes Conceição Queiroz Carla Adão Edna Bragança Neto	1
2000	<i>Primeiro Jornal Último Jornal Jornal da Noite (Fim de semana) Repórter África África Global Fórum África Zoom África</i>	SIC RTP África	Alberta Marques Fernandes Carla Adão Edna Bragança Neto	1
2001	<i>Primeiro Jornal Último Jornal Jornal da Noite (Fim de semana) Noites Marcianas Repórter África África Global Fórum África Zoom África Danza Café Curto Circuito Disney Kids</i>	SIC RTP África RTP SIC Radical	Alberta Marques Fernandes Daniel Nascimento Carla Adão Edna Bragança Neto Patrícia Bull Alexandre Évora	3
2002	<i>Bom dia Portugal Repórter África África Global Fórum África Zoom África Catarina.com</i>	RTP RTP África SIC	Alberta Marques Fernandes Carla Adão Edna Bragança Neto Cláudia Semedo	0
2003	<i>Jornal 2 Etnias Caras Notícias</i>	RTP2 SIC RTP África	Alberta Marques Fernandes José Mussuaili Daniel Nascimento	1

	<i>Repórter África</i> <i>África Global</i> <i>Fórum África</i> <i>Zoom África</i> <i>Playhouse Disney</i> <i>Flash</i> <i>Êxtase</i> <i>Portugal no Coração</i>	Disney Channel RTP 1	Carla Adão Edna Bragança Neto Cláudia Semedo Maria João Silveira	
2004	<i>Repórter África</i> <i>África Global</i> <i>Fórum África</i> <i>Zoom África</i> <i>Mega Ciência</i>	RTP África SIC	Carla Adão Edna Bragança Neto Cláudia Semedo	1
2005	<i>Êxtase</i> <i>SIC 10 Horas</i> <i>Repórter África</i> <i>África Global</i> <i>Fórum África</i> <i>Zoom África</i>	SIC RTP África	Daniel Nascimento Carla Adão	0
2006	<i>Repórter África</i> <i>África Global</i> <i>Fórum África</i> <i>Zoom África</i> <i>Contacto</i>	RTP África SIC	Carla Adão Cláudia Semedo	0
2007	<i>Repórter África</i> <i>África Global</i> <i>Fórum África</i> <i>Zoom África</i> <i>Fátima</i>	RTP África SIC	Carla Adão Daniel Nascimento	0
2008	<i>Repórter África</i> <i>África Global</i> <i>Fórum África</i> <i>Zoom África</i> <i>Pérolas do Oceano</i>	RTP África RTP 2 SIC TVI 24	Carla Adão Kadidja Pinto Monteiro Cláudia Semedo Patrícia Bull Alexandre Évora	1
2009	<i>Repórter África</i> <i>África Global</i> <i>Fórum África</i> <i>Zoom África</i> <i>Pérolas do Oceano</i> <i>Desafio Verde</i> <i>Eco EDP</i> <i>TVI Jornal</i>	RTP África RTP 2 SIC TVI 24	Carla Adão Kadidja Pinto Monteiro Cláudia Semedo Patrícia Bull Alexandre Évora	1
2010	<i>Notícias</i> <i>África Global</i> <i>Fórum África</i> <i>Zoom África</i> <i>Nós</i> <i>Prova dos 3</i> <i>Gala Mais Portugal Cabo Verde</i> <i>Sou Capaz</i>	RTP RTP África RTP 2	João do Rosário Carla Adão Cláudia Semedo Maria João Silveira Kadidja Pinto Monteiro	3
2011	<i>Antena Aberta</i> <i>Jornal do Meio-Dia</i> <i>Justiça Cega?</i> <i>África Global</i> <i>Fórum África</i> <i>Zoom África</i> <i>Química das Coisas</i> <i>Notícias 19</i> <i>Disco África</i> <i>A Bola</i>	RTP Informação RTP África RTP N A Bola TV	Alberta Marques Fernandes Carla Adão Cláudia Semedo Maria João Silveira Izilda Mussuela Alexandre Évora	0
2012	<i>África Global</i> <i>Fórum África</i> <i>Zoom África</i> <i>5 Dias 5 Causas</i> <i>Prato do Dia</i> <i>Bem-vindos</i>	RTP África RTP 24 Kitchen MTV	Carla Adão Cláudia Semedo Viriato Pã Ana Sofia Martins Helka Guimarães Cláudia Leal	1

2013	<i>Repórter África</i> <i>África Global</i> <i>Fórum África</i> <i>Zoom África</i> <i>3 Por Uma</i>	RTP África RTP Internacional	João do Rosário Carla Adão Maria João Silveira Patrícia Bull	1
2014	<i>África Global</i> <i>Fórum África</i> <i>Zoom África</i> <i>A Minha vida dava um blog</i> <i>Portugal no Coração</i> <i>Guerra dos Pratos</i> <i>WTF Appy Hour</i> <i>PitStop</i> <i>Bem-vindos</i>	RTP África SIC Mulher RTP Foxlife +TVI RTP Informação	Carla Adão Ana Sofia Martins Cláudia Semedo Fábio Lopes Patrícia Bull Tirsa Buta	0
2015	<i>África Global</i> <i>Fórum África</i> <i>Zoom África</i> <i>Diário da Manhã</i> <i>Notícias 2</i> <i>Química das Coisas</i> <i>Gala Prémios Sophia 2015</i> <i>Bem-vindos</i> <i>Viva Saúde</i> <i>Pérolas do Oceano</i> <i>Debate Africano</i>	RTP África TVI 24 SIC K RTP 2	Carla Adão Conceição Queiroz Cláudia Semedo Maria Ramos Flávia Brito Mwana Afrika Abigail Tiny Cosme Liliana dos Santos Silva Carim Abílio Bragança Neto José Luís Hopffer Almada Sheila Khan	4
2016	<i>África Global</i> <i>Fórum África</i> <i>Zoom África</i> <i>Notícias da Tarde</i> <i>Notícias do Meu País</i> <i>Código Panda</i> <i>Portugueses pelo Mundo</i> <i>Conversas ao Sul</i> <i>Chef África</i> <i>Bem-vindos</i>	RTP África RTP 3 RTP Canal Panda	Carla Adão Alberta Marques Fernandes Cláudia Semedo Fábio Lopes Maria Rafael Viriato Pã Abílio Bragança Neto Paulo Pascoal	3
2017	<i>África Global</i> <i>Fórum África</i> <i>Zoom África</i> <i>Causa e Efeito</i> <i>A Tarde é Sua</i> <i>Desafia-te, Nunca Digas Nunca</i> <i>Está na Moda</i> <i>Bem-vindos</i> <i>Manhã CM</i> <i>Flash! Vidas</i> <i>Love on Top (Extra 4/5/6)</i> <i>Super Quiz</i>	RTP África TVI SIC Internacional CM TV	Carla Adão João do Rosário Ana Sofia Martins Roselyn Silva Sílvio Nascimento Luís Correia Neusa Sousa Sara Santos Eliane Tchissola	4

Anexo E- Características da presença dos profissionais negros na TV portuguesa entre 1992-2017

		Nº	%
Função	Tertuliano(a)	1	2%
	Cronista	3	5%
	Comentador(a)	2	4%
	Repórter	16	29%
	Analista Político	3	5%
	Apresentador(a)	21	38%

	Moderação/Coordenação	1	2%
	Pivot	8	15%
	Total	55	100%
Horário	Manhã	1	2%
	Daytime	27	45%
	Acesso	8	13%
	Prime Time	18	30%
	Late Night	2	3%
	Madrugada	4	7%
	Total	60	100%
	Género	Entretenimento	30
Informação		13	30%
Total		43	100%
Canal	MTV	1	1%
	24 Kitchen	1	1%
	Foxlife	1	1%
	Canal Panda	1	1%
	A Bola TV	1	1%
	Disney Channel	1	1%
	RTP África	25	37%
	RTP Internacional	1	1%
	RTP 2	4	6%
	RTP	6	9%
	RTP N	1	1%
	RTP 3	1	1%
	RTP Informação	2	3%
	SIC Internacional África	1	1%
	SIC K	1	1%
	SIC Radical	2	3%
	SIC Mulher	1	1%
	SIC Caras	1	1%
	SIC Notícias	1	2%
	SIC	6	9%
	CM TV	1	1%
	TVI 24	2	3%
	+TVI	1	1%
	TVI	4	6%
	Total	67	100%

Anexo F- Fontes digitais e notícias sobre as carreiras dos profissionais negros em Portugal

A TELEVISÃO (2016), “Cláudia Semedo de regresso à RTP para apresentar novo programa”, consultado em 05.06.2019. Disponível em <https://www.atelevisao.com/rtp/claudia-semedo-regresso-rtp-apresentar-novo-programa/>

ADMIN (2011), “Grande Entrevista Unitel com Daniel Nascimento”, consultado em 03.06.2019. Disponível em <http://platinaline.com/grande-entrevista-unitel-com-daniel-nascimento/>

CABOV (2010), “Gala Mais Portugal Cabo Verde”, consultado em 05.06.2019. Disponível em <http://videos.sapo.pt/Z3zadEmpvQZw4VhnnE87>

COLAÇO, Manuel, Daniela Vila Santos (2017), “Ex-concorrente do “Love on top 1” é a nova apresentadora da TVI, consultado em 25.06.2019. Disponível em <https://www.cmjornal.pt/famosos/detalhe/ex-concorrente-do-love-on-top-1-e-a-nova-apresentadora-da-tvi?ref=>

COSTA, Joana de Sousa (2011), “Daniel Nascimento regressa ao trabalho”, consultado em 03.06.2019. Disponível em <https://lifestyle.sapo.pt/fama/noticias-fama/artigos/daniel-nascimento-regressa-ao-trabalho>

DIÁRIO DA REPÚBLICA (2017), “Lei n.º 62/2017”, consultado em 21.06.2019. Disponível em <https://dre.pt/pesquisa/-/search/107791612/details/maximized>

EDITORIA HAND (2012), “5 Dias 5 Causas - 1º episódio: Solidariedade (parte 1 de 2)”, consultado em 05.06.2019. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=kWs-AJsJWEw>

ELREY (2008), “Grelhas Antigas de Televisão”, consultado em 05.06.2019. Disponível em <https://forum.atelevisao.com/topic/6893-grelhas-antigas-de-televis%C3%A3o/page/16/>

FARIA, Duarte (2017), “Baixa audiência obriga TVI a mudar estratégia”, consultado em 25.06.2019. Disponível em <https://www.cmjornal.pt/tv-media/detalhe/baixa-audiencia-obriga-tvi-a-mudar-estrategia>

FONSECA, Maria Fernanda, Miguel Meira (2016), “No dia em que você nasceu... Ana Vasconcelos, Maria João Silveira, Teresa Brito e Teresa Radamanto”, consultado em 05.06.2019. Disponível em <https://festivaiscancao.wordpress.com/2016/07/22/no-dia-em-que-você-nasceu-ana-vasconcelos-maria-joao-silveira-teresa-brito-e-teresa-radamanto/>

HENRIQUES, Joana Gorjão (2019), “Alunos que entram na universidade através de quotas já são 30%”, consultado em 22.09.2019. Disponível em <https://www.publico.pt/2019/07/13/sociedade/noticia/alunos-entram-universidade-via-quotas-ja-sao-30-1879718>

LOPES, Ana (2016), “Primeiro episódio de Notícias do Meu País”, consultado em 05.06.2019. Disponível em <http://media.rtp.pt/extra/estreias/primeiro-noticias-do-meu-pais/>

MAIA, Bruno Tiago (2011), “Maria João Silveira”, consultado em 05.06.2019. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Q4cD5WJw6zs>

NÃO IDENTIFICADO (s.a), “Cláudia Semedo”, consultado em 05.06.2019. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Cláudia_Semedo

PEREIRA, Elsa (2009), “Cláudia Semedo: "A televisão é o ginásio do actor", consultado em 16.05.2019. Disponível em <https://www.jn.pt/media/interior/claudia-semedo-a-televisao-e-o-ginasio-do-actor-1170542.html>

REDAÇÃO LUX (2013), “Conceição Queiroz premiada com Menção Honrosa do Prémio AMI - Jornalismo Contra a Indiferença”, consultado em 25.06.2019. Disponível em <https://www.lux.iol.pt/nacional/reportagem/conceicao-queiroz-premiada-com-mencao-honrosa-do-premio-ami-jornalismo-contr-a-indiferenca>

REIS, Carolina (2017), “Aprovada lei das quotas de género nas empresas”, consultado em 21.06.2019. Disponível em <https://expresso.pt/politica/2017-06-23-Aprovada-lei-das-quotas-de-genero-nas-empresas>

SEM AUTOR (1998), “Jogos Sem Fronteiras 1998”, consultado em 05.06.2019. Disponível em <https://www.rtp.pt/programa/tv/p7298>

SEM AUTOR (2001), “Danza Café”, consultado em 22.06.2019. Disponível em <https://www.rtp.pt/programa/tv/p9175>

SEM AUTOR (2001), “Noites Marcianas”, consultado em 03.06.2019. Disponível em https://sic.pt/sic20anos/sic20anos/sic20anos_apps/sic20anos_Entretenimento2/2001-02-12-Noites-Marcianas--2001-

SEM AUTOR (2003), “Canal Disney Mais Português”, consultado em 18.05.2019. Disponível em <https://www.cmjornal.pt/tv-media/detalhe/canal-disney-mais-portugues?v=cb>

SEM AUTOR (2003), “Flash (2003)”, consultado em 18.05.2019. Disponível em https://sic.pt/sic20anos/sic20anos/sic20anos_apps/sic20anos_Entretenimento2/2003-01-04-Flash--2003-

SEM AUTOR (2004), “A Febre do Ouro Negro”, consultado em 05.06.2019. Disponível em <https://www.cmjornal.pt/tv-media/detalhe/a-febre-do-ouro-negro>

SEM AUTOR (2004), “Mega Ciência (2004)”, consultado em 18.05.2019. Disponível em <https://sic.pt/sic20anos/2004-07-24-mega-ciencia-2004>

SEM AUTOR (2004), “Operação Mavinga”, consultado em 24.06.2019. Disponível em <http://www.angonoticias.com/Artigos/item/1000/operacao-mavinga>

SEM AUTOR (2005), “Daniel Nascimento em Êxtase”, consultado em 03.06.2019. Disponível em <https://www.cmjornal.pt/tv-media/detalhe/daniel-nascimento-em-extase>

SEM AUTOR (2008), “O público aceita bem os negros”, consultado em 03.06.2019. Disponível em <https://www.cmjornal.pt/tv-media/detalhe/o-publico-aceita-bem-os-negros>

SEM AUTOR (2008), “Sorte Grande”, consultado em 05.06.2019. Disponível em <http://www.rtp.pt/programa/tv/p24133>

SEM AUTOR (2009), “TVI 24 custou 6,5 milhões de euros à Media Capital”, consultado em 25.06.2019. Disponível em <https://www.cmjornal.pt/tv-media/detalhe/tvi-24-custou-65-milhoes-de-euros-a-media-capital>

SEM AUTOR (2010), “Culinária ganha destaque na TV”, consultado em 05.06.2019. Disponível em <https://www.cmjornal.pt/tv-media/detalhe/culinaria-ganha-destaque-na-tv/>

SEM AUTOR (2010), “Plano Estratégico de Habitação”, consultado em 03.06.2019. Disponível em <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/plano-estrategico-de-habitacao/>

SEM AUTOR (2010), “Programa Nós com nova vida na RTP”, consultado em 24.06.2019. Disponível em http://redegip.acidi.gov.pt/redegip/index.php?option=com_frontpage&Itemid=1&limit=11&limitstart=121

SEM AUTOR (2010), “Sou Capaz”, consultado em 24-06-2019. Disponível em https://www.facebook.com/pg/SouCapazrtp/about/?ref=page_internal

SEM AUTOR (2011), “A Química das Coisas”, consultado em 05.06.2019. Disponível em <https://www.rtp.pt/programa/tv/p28717>

SEM AUTOR (2011), “Cláudia Semedo em “Desafio Verde”, consultado em 05.06.2019. Disponível em <https://lifestyle.sapo.pt/fama/noticias-fama/artigos/claudia-semedo-em-desafio-verde>

SEM AUTOR (2011), “Com a RTP tenho uma relação de identificação”, consultado em 05.06.2019. Disponível em <https://www.cmjornal.pt/tv-media/detalhe/com-a-rtp-tenho-uma-relacao-de-identificacao-com-video>

SEM AUTOR (2011), “Disco África”, consultado em 25.06.2019. Disponível em <http://www.rtp.pt/programa/tv/p28344>

SEM AUTOR (2012), “Viriato Pã e ‘Prato do Dia’”, consultado em 24.06.2019. Disponível em <https://www.cmjornal.pt/tv-media/detalhe/viriato-pa-e-prato-do-dia>

SEM AUTOR (2013), “Repórter África”, consultado em 05.05.2019. Disponível em <http://www.rtp.pt/programa/tv/p10184>

SEM AUTOR (2014), “Guerra dos Pratos estreia na Fox Life”, consultado em 05.06.2019. Disponível em <https://www.movenoticias.com/2014/09/guerra-dos-pratos-estreia-na-fox-life/>

SEM AUTOR (2014), “Patrícia Bull tem novo desafio profissional”, consultado em 22.06.2019. Disponível em http://caras.sapo.pt/Nas_Redes/2014-01-31-patricia-bull-tem-novo-desafio-profissional

SEM AUTOR (2015), “Bem-vindos”, consultado em 24.06.2019. Disponível em <https://www.rtp.pt/programa/tv/p31537/e129>

SEM AUTOR (2015), “Com nova apresentadora, Liliana dos Santos Silva Carim, o "Pérolas do Oceano" desta semana regressa com novas reportagens. Não perca, hoje às 21h30 na RTP África”, consultado em 24-06.2019. Disponível em <https://www.facebook.com/watch/?v=873814869368037>

SEM AUTOR (2015), “Pérolas do Oceano”, consultado em 24.06.2019. Disponível em <http://www.rtp.pt/programa/tv/p31532/e30>

SEM AUTOR (2016), “Bem-vindos”, consultado em 24.06.2019. Disponível em <https://tv1.rtp.pt/programa/tv/p32629/e62>

SEM AUTOR (2017), “Concurso Super Quiz2017”, consultado em 25.06.2019. Disponível em <https://www.iol.pt/resolvedocs/59397bbd0cf2791100cb17a4.pdf>

SEM AUTOR (2017), “Debate Africano na rádio e na televisão!”, consultado em 25.06.2019. Disponível em http://www.rtp.pt/rdpafrika/noticias-africa/pt-debate-africano-na-televisao-e-na-radio_4497

SEM AUTOR (2017), “Sara Santos é a noca repórter em biquíni”, consultado em 25.06.2019. Disponível em <https://www.cmjornal.pt/multimedia/videos/detalhe/sara-santos-e-a-nova-reporter-em-biquini>

SEM AUTOR (2018), “Do estrelato da TV ao balcão dos provedores de loja de roupa”, consultado em 25.06.2019. Disponível em <https://www.novagente.pt/nova-vida-de-lia-do-estrelato-da-tv-ao-balcao-dos-provedores-de-loja-de-roupa>

SEM AUTOR (s.a), “5 Dias 5 Causas”, consultado em 05.06.2016. Disponível em https://www.facebook.com/pg/5dias5causas/about/?ref=page_internal

SEM AUTOR (s.a), “Alexandre Évora”, consultado em 25.06.2019. Disponível em <https://pt.linkedin.com/in/alexandre-évora-1791a449>

SEM AUTOR (s.a), “Cláudia Semedo e Tiago Góes Ferreira trazem Notícias do Meu País”, consultado em 05.06.2019. Disponível em <http://media.rtp.pt/agoranos/videos/claudia-semedo-tiago-goes-ferreira-trazem-noticias-do-pais/>

SEM AUTOR (s.a), “Código Panda”, consultado em 05.06.2019. Disponível em <https://canalpanda.pt/microsites/codigo-panda/>

SEM AUTOR (s.a), “Conversas ao Sul”, consultado em 22.06.2019. Disponível em <https://www.facebook.com/conversasaosul/>

SEM AUTOR (s.a), “Izilda Mussuela”, consultado em 25.06.2019. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Izilda_Mussuela

SEM AUTOR (s.a), “José Luís Hopffer Almada”, consultado em 25.06.2019. Disponível em <http://www.buala.org/pt/autor/jose-luis-hopffer-almada>

SEM AUTOR (s.a), “Love on Top (reality show)”, consultado em 25.06.2019. Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Love_On_Top_\(reality_show\)#Temporadas](https://pt.wikipedia.org/wiki/Love_On_Top_(reality_show)#Temporadas)

SEM AUTOR (s.a), “Manhã CM”, consultado em 25.06.2019. Disponível em https://pt-pt.facebook.com/pg/Manhã-CM-645052508943347/about/?ref=page_internal

SEM AUTOR (s.a), “Maria João Silveira”, consultado em 05.06.2019. Disponível em <https://pt.linkedin.com/in/maria-jo%C3%A3o-silveira-7b934410>

SEM AUTOR (s.a), “Maria João Silveira”, consultado em 05.06.2019. Disponível em https://www.imdb.com/name/nm2078558/bio?ref=nm_ov_bio_sm

SEM AUTOR (s.a), “Mariama Barbosa”, consultado em 22.06.2019. Disponível em <http://www.esferadoslivros.pt/book-author/mariama-barbosa/>

SEM AUTOR (s.a), “Mwana Afrika”, consultado em 24.06.2019. Disponível em <https://www.linkedin.com/in/mwanafrika/>

SEM AUTOR (s.a), “Programa Está na Moda”, consultado em 05.06.2019. Disponível em <http://www.roselynsilva.com/?st=news&id=13>

SEM AUTOR (s.a), “RTP: NÓS: acolhimento e integração das comunidades que escolheram Portugal como país de acolhimento”, consultado em 24.06.109. Disponível em <http://www.mipex.eu/rtp-nos-acolhimento-e-integracao-das-comunidades-que-escolheram-portugal-como-pais-de-acolhimento>

SEM AUTOR (s.a), “Tirsa Buta”, consultado em 20.06.2019. Disponível em <https://www.linkedin.com/in/tirsa-buta-58487074/>

SEM AUTOR (s.a), “WFT”, consultado em 22.06.2019. Disponível em <https://www.facebook.com/wearewtf/posts/568572309939969/>

SEM AUTOR (s.a), “Edna Bragança Neto”, consultado em 10.06.2019. Disponível em <https://www.linkedin.com/in/edna-bragan%C3%A7a-neto-a96645a4/>

SEM AUTOR, (2014), “WTF Appy Hour”, consultado em 22.06.2019. Disponível em <https://tviplayer.iol.pt/programa/wtf-appy-hour/5475c40b0cf27828e67ddb47>

SEM AUTOR, (s.a), “Conguito”, consultado em 22.06.2019. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Conguito#Vida_Profissional

SEM AUTOR, (s.a), “Tesouras e Tesouros”, consultado em 22.06.2019. Disponível em <https://siccaras.pt/autores/2016-09-03-Tesouras-e-Tesouros>

SILVEIRA, Ana Filipe (2016), “RTP1 vai contar histórias de emigrantes portugueses”, consultado em 05.06.2019. Disponível em <https://www.dn.pt/media/interior/rtp1-vai-contar-historias-de-emigrantes-portugueses-5368628.html>

SOLDADO, David (2017), “TVI cancela componente «reality» do «Let’s Dance»”, consultado em 25.06.2019. Disponível em <https://www.atelevisao.com/tvi/tvi-cancela-componente-reality-do-lets-dance/>

SOUSA, Margarida Bom de (2015), “Conceição Queiroz, a exceção à regra branca”, consultado em 01.01.2018. Disponível em <https://ionline.sapo.pt/artigo/401962/conceicao-queiroz-a-excecao-da-televisao-a-regra-branca?seccao=Portugal>

VENDEIRA, Pedro (2013), “A Química das Coisas» estreia na SIC K”, consultado em 05.06.2019. Disponível em <https://www.atelevisao.com/cabo/a-quimica-das-coisas-estrela-na-sic-k/>

ZECATT (2015), “Pit Stop”, consultado em 22.06.2019. Disponível em <http://www.forum-diecast.pt/index.php?topic=12693.0>